

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SÔNIA VEPRINSKY MEHL

**FEMINISMOS NA ESCOLA: Um estudo sobre a caracterização dos feminismos na escola  
a partir das percepções de jovens feministas estudantes**

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2018

SÔNIA VEPRINSKY MEHL

**FEMINISMOS NA ESCOLA: Um estudo sobre a caracterização dos feminismos na escola  
a partir das percepções de jovens feministas estudantes**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ranniery

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2018

SÔNIA VEPRINSKY MEHL

**FEMINISMOS NA ESCOLA:**

**Um estudo sobre a caracterização dos feminismos na escola a partir das percepções  
de jovens feministas estudantes**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Natália Rodrigues Mendes

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Paula Nico Rêgo Gonçalves

---

Prof. Dr. Thiago Ranniery

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as mulheres que vieram antes de mim.

Agradeço à minha mãe, Grace, e meu pai, Sergio, pelos valores que me ensinaram, pelo cuidado com minha formação e oportunidades que me deram para eu chegar até aqui. Admiro muito vocês e sou agradecida pelo apoio que me deram nas minhas escolhas.

Aos meus irmãos, que amo muito. Adam, que é uma inspiração para todos nós, brigada pelos conselhos e por ter me acompanhado tão de perto. Nos vemos em breve! Jonas, meu melhor amigo, agradeço pelas conversas, colo, experiências e parceria. Dividir o espaço e a vida com você me faz muito feliz.

Agradeço demais a toda minha família. Se fosse só a minha vovozinha Anita, por torcer por mim sempre e pelo amor incondicional, *dayenu* - já nos bastaria. Se, além dela, tivesse só o vovô Isaac (Z”L), por tudo o que me ensinou e que é a base de quem sou hoje, *dayenu* – já nos bastaria. E só mais a vovó Helena (Z”L), que carrego em mim sua história de luta e seu olhar doce, *dayenu* – já nos bastaria. À minha família unida e incrível, muito obrigada por serem minha rede!

À todas minhas amigas e amigos que acompanharam meus caminhos, me acolheram em momentos difíceis e me rodearam de amor. Pelas conversas que viraram chavinhas dentro de mim, pela possibilidade de ser quem eu sou, por nossas amizades. Em especial aos amigos da Pedagogia, por me ensinarem tanto e aguentarem minhas “crises”. As trocas que tivemos ao longo desses anos foi fundamental para a construção da pedagoga que me torno. À Blenda, mulher encantadora, sua forma de enxergar as coisas e sensibilidade me inspiram. Ao Daniel, que mesmo longe é um amigo tão querido, carinhoso e que aprendo muito. À Fernanda, sou agradecida que nossos caminhos se encontraram, admiro sua espontaneidade e força. Luiza, obrigada por todas as conversas e olhares... Com você, descobri muito sobre mim. À Renata, pela parceria desde o início, pelas conversas e conselhos inspiradores e experiências incríveis.

Ao Thiago, por topar ser meu orientador sem nem me conhecer. Por se animar com o projeto comigo, me dar todo o suporte necessário e apoiar minhas escolhas no percurso. Agradeço por ter me recebido na sua casa tarde da noite e pela parceria na construção dessa pesquisa.

Agradeço à todas as estudantes que encontrei no caminho até a entrega desse estudo. Às meninas do Eliezer, vocês me inspiravam enquanto professora e mulher, o

que vocês construíram na escola foi único e mudou a forma que me entendi ali dentro. Às estudantes do colégio que fiz a pesquisa, não sei como agradecer pela confiança e reflexões que compartilharam. As conversas que tivemos mexeram muito comigo e aprendi mais do que poderia imaginar. Hoje, olho para os feminismos, a escola e a mim mesma de outra forma.

Agradeço às professoras desta escola que também estavam abertas para conversar comigo, pelo tempo que disponibilizaram e questionamentos que trouxeram. À toda a equipe de coordenação e direção do colégio, que me receberam tão bem e deram espaço para eu realizar essa pesquisa.

Agradeço, por todas nós, por termos vida, por existirmos e por termos chegado até esse momento - *Shehecheianu vekimanu vehiguianu lazman hazé.*

## RESUMO

O presente estudo, à luz da história do movimento feminista, da caracterização dos feminismos contemporâneos (ALVAREZ, 2014; MATOS, 2014) e da literatura sobre “jovens feministas” (GIOVANNI, 2003; ZANETTI, 2009; ADRIÃO; TONELI; MALUF, 2011; GOMES; SORJ, 2014), tem o objetivo de situar os feminismos na escola no movimento mais amplo de reconfigurações contemporâneas dos feminismos. Foram realizadas observações e entrevistas em uma escola estadual no Rio de Janeiro e a análise destas revelou a pluralidade de feminismos que, sobretudo entre professoras e estudantes, disputam por diferentes concepções e formas válidas de composição na escola, caracterizando conflitos e negociações. Identifico também que os feminismos contemporâneos e as características singulares das jovens feministas se fazem presentes na composição dos feminismos nas escolas e na forma como as estudantes caracterizam essas experiências, seja na disputa por narrativas ou nas denúncias de tensões geracionais, em que as jovens estudantes são colocadas em um lugar de passividade e na condição de herdeiras do movimento pelas professoras. A pesquisa conclui que há especificidades em ser jovem feminista no espaço escolar pela centralidade dos corpos na constituição de seus feminismos e campos discursivos, particularidades de pautas e pelas disputas por reconhecimento que passam pela relação com professoras e a organização da escola. Essas considerações reconfiguram os campos de ação feministas, ao mesmo tempo em que tensionam e configuram a escola.

**Palavras-chave:** jovens feministas estudantes; feminismos contemporâneos; feminismos na escola

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo 1 – Roteiro utilizado nas entrevistas com jovens feministas

Anexo 2 - Roteiro utilizado nas entrevistas com professoras feministas

Anexo 3 – Assentimento para menor

Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo 5 – Transcrição das entrevistas

## SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE ANEXOS

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 PERCURSOS DOS FEMINISMOS</b>	14
2.1 HISTÓRIAS DOS FEMINISMOS	14
2.2 JUVENTUDE NOS FEMINISMOS CONTEMPORÂNEOS	19
<b>3 SITUANDO OS FEMINISMOS NA ESCOLA</b>	21
3.1 CARACTERIZAÇÃO	21
3.2 PERCEPÇÕES	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	40
<b>6 ANEXOS</b>	43



## 1. INTRODUÇÃO

O movimento feminista tem a particularidade de ser um movimento que produz sua própria reflexão crítica (PINTO, 2010) e, nesse encontro entre militância e teoria, os limites entre eles se confundem e transbordam. Ao longo da história desse campo discursivo de ação (ALVAREZ, 2014), foram realizados esforços no sentido de criação de uma narrativa histórica do movimento, descritos em períodos delimitados no tempo e caracterizados por um tipo de concepção e prática política dominante (GOMES & SORJ, 2014) e os feminismos hoje apresentam novos redesenhos no contexto mais amplo da história do movimento e dos estudos feministas. A partir da ênfase em fronteiras interseccionais, transversais e transdisciplinares (MATOS, 2014), os feminismos contemporâneos se reconfiguram e carregam particularidades, sobretudo no que diz respeito aos feminismos plurais e a multiplicação de campos feministas (ALVAREZ, 2014). Na diversidade de vivências, o feminismo vem percebendo que o termo mulheres, mesmo no plural, não necessariamente faz referência a uma experiência comum a todas, uma vez que nos diferentes contextos históricos essa identidade estabelece interseções com outras identidades, como raciais e classistas (BUTLER, 2003). É, desta forma, que os estudos sobre juventude e os campos de ação feministas se inserem e ganham sentido, buscando expandir o debate sobre essas experiências singulares. As pesquisas sobre as “jovens feministas”, ao reconhecer as especificidades dessa categoria identitária (GIOVANNI, 2003; ZANETTI, 2009; ADRIÃO; TONELI; MALUF, 2011; GOMES; SORJ, 2014), apontam pautas que incidem particularmente sobre o segmento, revelam tensões e disputas geracionais e indicam invisibilidades dentro do movimento.

Pela literatura que deu base para esse trabalho, constata-se que são poucos os estudos dedicados especificamente às jovens mulheres e menos frequentes ainda parecem ser aqueles que fazem um recorte etário dessa geração que contempla as estudantes no espaço escolar. O que significa ser jovem feminista na escola, o que se configura a partir do cruzamento entre geração e escolarização ou como os feminismos na escola estão inseridos no movimento mais amplo de reconfigurações contemporâneas dos feminismos são questões ainda pouco exploradas nas pesquisas sobre feminismos e juventude. Neste contexto, torna-se relevante investigar essas jovens e os feminismos na escola, inclusive por ser esta uma forma de dar visibilidade a este segmento.

A inspiração para escolha do tema surgiu do meu contato com o Coletivo Feminista do Eliezer Max (COFEL). Contudo, a decisão por realizar esta pesquisa em uma escola pública veio da percepção, construída sobretudo na Faculdade de Educação da UFRJ, da riqueza, diversidade e defesa da escola pública, gratuita, laica e de qualidade. Esse olhar foi sustentado também pelas professoras entrevistadas no presente estudo, ao defenderem que “existe vida na escola pública” e indicarem que a escola pública evidencia a complexidade da democracia e é um espaço de resistência, inclusive pela “postura política muito perigosa” que estamos passando.

Inicialmente, meu objetivo com esse trabalho era investigar a relação entre coletivos feministas e uma instituição escolar, buscando perceber como um coletivo feminista constituído por jovens estudantes se relaciona com a escola em que atuam. As informações que tinha no início do trabalho acerca de coletivos feministas na escola vinham de colégios particulares da Zona Sul da cidade, a partir das minhas experiências pessoais e rede de contatos e, dessa maneira, tracei o problema da pesquisa e fui ao campo com uma noção pré-concebida do que seriam “coletivos feministas”. No meu imaginário, essa caracterização passava por um grupo estruturado de meninas, com reuniões periódicas, rotina cotidiana de organização e tomadas de decisões conjuntas, contudo qual não foi minha surpresa ao perguntar em diversas escolas por esse modelo de coletivo e não encontrá-lo.

Apesar do estranhamento com a dificuldade em localizar esse tipo de coletivo feminista, foi só quando me deparei com a escola selecionada para esse estudo que entendi que seria preciso mexer na minha própria percepção sobre o projeto. Ao observar jovens trazendo feminismo para o colégio de maneiras outras que não as que eu tinha estabelecido e, sobretudo, vivendo seus femininos no ambiente escolar, percebi a pluralidade desse campo de ação e precisei dar um passo atrás, interrogando o que poderia ser um coletivo feminista. Foi um movimento necessário para perceber as meninas que vivenciam aquela experiência e entender o que as ações feministas na escola poderiam ser. Isso me levou a repensar o objetivo da pesquisa e, inserido nesse movimento de idas e vindas e em uma matéria ainda pouco tratada pela literatura, o presente estudo é um trabalho tateante que explora um campo emergente. Tendo em vista o caráter de traçar um panorama a partir de uma experiência escolar específica, o objetivo deste trabalho é situar os feminismos na escola no campo mais amplo de ações feministas.

Diante desse objetivo principal, algumas questões do estudo são: Como os feminismos na escola se situam historicamente no movimento feminista? Como as jovens feministas estudantes se localizam na juventude dos feminismos contemporâneos? Qual a percepção dos sujeitos na escola sobre a relação entre o colégio e os feminismos nessa instituição?

Nesse sentido, os objetivos específicos deste estudo são: (1) indicar como a juventude é percebida no movimento feminista na literatura do tema; (2) localizar os feminismos na escola na História do movimento feminista; (3) situar as jovens feministas estudantes nos feminismos contemporâneos; (4) mapear a percepção dos sujeitos entrevistados sobre a relação entre a escola e os feminismos nessa instituição; (5) identificar a percepção dos sujeitos entrevistados acerca da questão de gênero na escola.

A metodologia de uma pesquisa deve ser compreendida no sentido amplo de abordagem ao processo de produção do conhecimento, o que significa que envolve tanto uma perspectiva instrumental quanto aspectos teóricos e conceituais. Assim, cabe reconhecer que a metodologia deste trabalho está relacionada à forma como eu olho a realidade, meus valores, ideias e (in)certezas. Essa metodologia está associada às minhas escolhas no que diz respeito aos autores que destaquei, ao caminho que foi construído e perguntas que levantei. Esta pesquisa é, portanto, de caráter qualitativo e faz uso de observações e entrevistas, debruçando-se sobre as experiências de uma escola estadual no Rio de Janeiro. Nesse sentido, pretende-se dedicar a esse espaço, sem produção de resultados generalizáveis e com o objetivo de perceber significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no caso dessa instituição (IVENICKI; CANEN, 2016).

A escola está localizada em um bairro na Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma grande avenida residencial e de passagem, que apresenta alta quantidade de prédios residenciais e conecta diferentes pontos da cidade. O Índice de Desenvolvimento Social (IDS) do bairro, segundo dados do Instituto Pereira Passos, é alto se comparado com o do município do Rio de Janeiro, o que indica que as condições sociais do bairro são privilegiadas. Outro dado do Instituto que chama a atenção e que sugere uma elitização do bairro é a cor dos moradores, majoritariamente branca. O entorno é marcado também por duas favelas e uma delas é, predominantemente, a origem dos alunos que frequentam o colégio.

A escola atende apenas o nível de Ensino Médio e mais de 2000 alunos frequentam o espaço, nos turnos manhã e tarde. São cerca de 130 professores, que trabalham também em outros lugares. O colégio, ocupado pelos estudantes em 2016, é reconhecido entre as escolas estaduais como referência dessa movimentação e conta com a presença de um Grêmio Estudantil, que parece ser articulado e organizado. Optei por preservar a identidade do colégio e por uma descrição sem maiores detalhes que permitissem identificação em virtude de ter sido relatado um caso de violência contra mulher envolvendo uma das estudantes.

O principal instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista. Duarte (2004) argumenta que as entrevistas são fundamentais quando se deseja mapear práticas e percepções de um universo social específico em que os conflitos não estavam explicitados, como era o caso desta pesquisa. Além disso, a possibilidade de levantar informações acerca de como as estudantes e professoras da escola em questão percebem sua realidade e o que ela significa permite descrever a lógica que norteia as relações que se estabelecem no ambiente escolar.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com sete estudantes e duas professoras. Além disso, ao ser recebida na escola conversei com a diretora, o coordenador e o presidente do Grêmio Estudantil, que revelaram dados interessantes para a pesquisa. Também observei uma atividade organizada pelos estudantes na “Semana contra o assédio” e fui convidada pela direção e por uma professora a assistir o evento de encerramento dessa Semana.

As estudantes foram escolhidas a partir de indicações de uma professora e de uma coordenadora. A professora sugeriu duas alunas, com quem fiz o contato diretamente. A coordenadora, ao saber da pesquisa, me convidou para entrar em salas que estavam sem aulas e apresentou meu trabalho, indicando que “quem é menina maior de idade” iria ser entrevistada. Ressaltei que a participação era voluntária, mas não tive espaço para descrever o assunto e os objetivos da pesquisa. Assim, consegui um número razoável de entrevistadas, que chegaram até mim sem saber sobre o que se tratava o estudo. A forma que a coordenadora conduziu as alunas me levou a meninas com diferentes perfis, inclusive com algumas que não se consideram feministas. Reconheço que esse é um limitante da minha pesquisa, porém, ao mesmo tempo, trouxe elementos significativos de análise. As diferentes perspectivas do que é ser feminista e dessa experiência na escola é parte de disputa e tensões entre estudantes e professoras, que será discutido nos capítulos seguintes.

Com fins de preservar a identidade das entrevistadas, os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos em homenagem a mulheres que, como tantas outras, não podem ser esquecidas: Bartolina dos Santos, Claudia Ferreira, Dandara dos Santos, Jyoti Singh, Maria Eduarda Alves da Conceição, Marielle Franco e Zuleide Aparecida do Nascimento. As professoras são chamadas de Luísa Mahin e Vashti e a escola aqui leva o nome de Frumka Płotnicka. As sete estudantes têm 18 anos, são do terceiro ano do Ensino Médio e, atualmente, nenhuma delas faz parte do Grêmio. Cabe ressaltar que todas viveram a ocupação no colégio com exceção de Maria Eduarda Alves da Conceição, que entrou no segundo ano e que conta sua experiência de ocupação na antiga escola. Além disso, Marielle Franco foi a primeira mulher presidente do Grêmio da escola.

O texto está organizado em quatro capítulos. O primeiro diz respeito a essa introdução e abrange também a metodologia da pesquisa. O segundo discorre sobre os percursos dos feminismos, apresentando como a literatura situa os acontecimentos e as disputas entre setores que concorreram pelas narrativas, além de descrever os campos de ação dos feminismos do momento atual e suas principais características. Ademais, situa a juventude nos feminismos contemporâneos e revela as particularidades desse setor. O terceiro capítulo, que traz a análise das entrevistas, situa os feminismos na escola, descrevendo a pluralidade, negociações e tensões que emergem e envolvem os sujeitos na instituição escolar. Caracteriza-se a entrada dos feminismos na escola, percorrendo quando, porque e como eles surgem e tomam forma. Exploro, ainda, como as entrevistadas entendem os feminismos na escola e suas relações com os outros sujeitos daquele espaço. Por fim, o quarto capítulo resume as principais reflexões acerca das observações e entrevistas e indica possíveis sugestões para os próximos estudos que abordem essa temática.

## 2. PERCURSOS DOS FEMINISMOS

Os coletivos feministas na escola estão inseridos em um movimento mais amplo de reconfigurações contemporâneas dos feminismos. Matos (2014) defende que, em diversos países da região latino-americana é possível destacar a emergência de uma nova “onda” no campo feminista. Sonia Alvarez (2014) sustenta que há mudanças nos feminismos contemporâneos, e que, no Brasil, essa formação continua em movimento. Com o intuito de situar os coletivos feministas das escolas nesse contexto, é necessário resgatar a história dos feminismos no Ocidente e, particularmente, no Brasil.

### 2.1 HISTÓRIAS DOS FEMINISMOS

O movimento feminista e sua história reúnem características particulares que passam pela qualidade de ser um movimento que produz sua própria reflexão crítica, onde militância e teoria se encontram. É uma história escrita a partir de convicções feministas (TILLY, 1990), mantendo estreita relação com um programa de transformação e ação. É possível, nesse sentido, conhecer o movimento feminista tanto a partir da história do feminismo quanto pela produção teórica feminista (PINTO, 2010). O presente trabalho segue o primeiro caminho, ao traçar um recorrido pela história do feminismo.

É necessário ressaltar que a história não tem a pretensão de reconstituir a verdade daquilo que aconteceu, mas é composta por diferentes narrativas, concebidas a partir de processos que evidenciam interesses particulares de determinados grupos e relações de poder envolvidas. Nesse sentido, a narrativa é construída por sujeitos em um tempo e espaço, motivados por interesses e como resultado de disputas, em que outras narrativas também concorrem. A história hegemônica do feminismo é uma das narrativas que se consolida, que utiliza referências e constrói memórias para se sustentar.

A narrativa hegemônica da história do feminismo costuma dividi-la em “ondas”, períodos relativamente delimitados no tempo e caracterizados por uma concepção e ação política central (GOMES; SORJ, 2014). Na tentativa de criação de uma narrativa histórica do movimento, são descritas três grandes ondas e, recentemente, defende-se a emergência de uma quarta onda. Deve-se atentar, contudo, as contestações levantadas em relação a esse tipo de periodização.

Um dos riscos da periodização em “ondas” é que a metáfora remete à noção de substituição de feminismos, em uma direção que ignora continuidades, enfatiza rupturas e fortalece a ideia de progressos. Além disso, de acordo com Gomes e Sorj (2014), há expressões do feminismo que não se enquadram nos critérios dominantes de cada onda. Essa omissão e exclusão confere às “ondas” uma imagem de uniformidade que inexistente. As autoras apontam, ainda, que não se pode iludir com uma possível aparência de neutralidade e objetividade que o termo “onda” cria, uma vez que a escolha de um momento como “onda” está atravessado por relações de poder.

Em diferentes momentos da história ocidental há registros de mulheres que lutaram contra a opressão patriarcal, como na Roma Antiga ou na Inquisição da Igreja Católica. Entretanto, a primeira onda do feminismo foi marcada pela organização das mulheres na luta por seus direitos nas últimas décadas do século XIX, inicialmente na Inglaterra, onde o tema central e mais difundido era o direito ao voto (LOURO, 1997). Cabe ressaltar que essa ação política foi organizada por mulheres brancas de classe média, que ficaram conhecidas como *sufrajetes* (PINTO, 2010).

No Brasil, a luta pelo voto como direito fundamental também caracterizou a primeira onda do feminismo, que foi conquistado em 1932. As *sufrajetes* brasileiras tiveram como uma de suas líderes Bertha Lutz. Pinto (2010) destaca o movimento das operárias de ideologia anarquistas como outro grupo organizado que reivindicavam seus direitos neste momento.

A segunda onda do feminismo é situada a partir do final da década de 60, em meio a efervescência social e política no Ocidente, como a publicação de “O Segundo Sexo” de Beauvoir (1949), os acontecimentos em maio de 68 em Paris e o lançamento da pílula anticoncepcional. É um período lembrado por rebeldias e contestações. Surgem estudos da mulher enquanto construções teóricas, com o objetivo de tornar visível aquelas que foram ocultadas historicamente (LOURO, 1997). Além do esforço por dar visibilidade às exclusões nas produções acadêmicas, o feminismo é colocado como movimento libertário, no sentido de denunciar a dominação do homem sobre a mulher como uma outra opressão além da clássica de classe e lutar por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres (PINTO, 2010).

No Brasil, o golpe de 1964 marca os tempos da ditadura militar, momento de repressão da luta política. Ainda assim, mulheres se organizam no final da década de 70 em manifestações feministas. Enquanto as mulheres no Brasil se organizavam, as

exiladas nos Estados Unidos e na Europa entravam em contato com o feminismo europeu, o qual trazem na bagagem em seu retorno do exílio.

Matos (2010) aponta que a segunda onda do feminismo no Brasil caracteriza-se tanto por uma resistência contra a ditadura militar quanto por uma luta contra a hegemonia masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer. Segundo a autora, grande parte dessas mulheres vinham de organizações de esquerda e da luta pela democracia, mas marcavam a visibilidade e igualdade de gênero nessas pautas. Em um contexto em que o movimento estaria se consolidando, a busca era por uma maior autonomia, definição de pautas e lutas, espaços próprios de organização, ou seja, por delimitações dos campos de ação. Sua autonomia significava, portanto, a “independência e oposição absoluta tanto ao Estado quanto à esquerda” (ALVAREZ, 2000).

Essa é a história oficial sobre esse período do feminismo. Ela funciona, na narrativa feminista hegemônica, quase como um mito de origem ao se aproximar do imaginário de um verdadeiro movimento social: altamente articulado e autônomo, com contornos delimitados e organizado, que vai às ruas, se movimenta muito e conta com trabalho voluntário (ALVAREZ, 2014).

Contudo, é necessário lançar um olhar crítico e histórico sobre essa narrativa. A História, enquanto objeto escrito por historiadores, não é uma reconstrução da “verdade” do que aconteceu. Ricouer (1998) lembra que o historiador analisa seu tema a partir de suas expectativas, desejos, temores, utopias e até mesmo ceticismos. Essas narrativas são construções permeadas de interesses e relações de poder que devem ser destacadas, sob o risco de ler a História como neutra ou uma verdade absoluta (CERTEAU, 1975).

A noção de autonomia, como concepção central nessa narrativa, serve como forma de delimitar, definir e diferenciar os sujeitos. Os setores independentes sobre os partidos e a esquerda, que ganharam hegemonia discursiva, parecem buscar formas de se distinguir de “outras” mulheres ativistas. Alvarez (2014) expõe que as “outras do feminismo” - que lutavam a partir de uma perspectiva geral e de uma militância política - denunciavam que a militância autônoma era marcada por classe social, heteronormatividade e branquitude. Ademais, elas se colocavam como “neutras”.

A partir dos anos 80 e 90, muitos países latino-americanos seguiram como governos democráticos e esse foi um período de forte pressão de grupos sociais - incluindo o movimento de mulheres - por reformas constitucionais, participação política



e transformações institucionais. O contexto político e econômico na América Latina também é lembrado pela difusão do modelo neoliberal. A terceira onda do feminismo é caracterizada pelo “feminismo difuso” (PINTO, 2003), com ênfase nos processos de institucionalização, nas diferenças entre as mulheres e novas formas de organização coletiva.

A terceira onda do feminismo tem como Judith Butler uma referência, uma vez que ela denuncia um discurso universal da identidade da mulher construída até então como excludente (ROCHA, 2017). A autora sugere a desconstrução do binarismo entre os gêneros masculino e feminino e propõe uma distinção entre corpo sexuado e gênero. Nesse sentido, novas categorias identitárias de mulheres com a perspectiva de múltiplas opressões ganham visibilidade e as “outras” do feminismo aparecem como “outros feminismos” possíveis. É necessário ressaltar que “gênero” foi disputado discursivamente. No interior do campo feminista, esse conceito não era um consenso e, além disso, setores de governos neoliberais latino-americanos também se apropriaram do termo (ALVAREZ, 2014).

Além de uma ampliação do conceito de gênero, a terceira onda do feminismo é marcada pelo processo de profissionalização por meio da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs). Assim, a relação dos feminismos com o Estado se transforma, oriunda do processo de “onguização” que acontecia por toda a América Latina. Essa institucionalização seria efeito de políticas neoliberais, que “diminuíram as formas de engajamento do Estado e buscaram reforçar práticas do mercado como arena mediadora das relações sociais” (Matos 2014, p 7). As ONGs feministas, desta maneira, intervieram junto ao Estado, aprovando medidas protetoras para as mulheres, introduzindo temas relativos ao gênero nas agendas nacionais e buscando por espaços de maior participação política. Avalia-se que, em contrapartida, na posição de institucionalizadas, elas relativizaram sua função de criticar e transformar o Estado (MATOS, 2014).

A história oficial de um feminismo institucionalizado tende a apagar a heterogeneidade do campo feminista. As ONGs feministas tiveram grande força de ação e articulação, porém outras expressões feministas menos estruturadas também se desenvolviam e lutavam nesse período, mesmo que efêmeras. Um fenômeno comum na História é o do silenciamento: “Uma maneira de ver é também uma maneira de não ver - a atenção colocada sobre o objeto A nos obriga a negligenciar o objeto B” (BURKE, 1935 apud TILLY, 1990, p 41). É necessário um olhar atento sobre essa narrativa para

que outras feministas não organizadas em ONGs, enquanto “objeto B”, não sejam invisibilizadas (ALVAREZ, 2014).

O campo de ação feminista vem se reconstruindo em diferentes sentidos nos dias de hoje. A partir dos anos 2000, se estabelece novas formas de relação com o Estado, buscando outros espaços de atuação. Ao transitar por variadas arenas políticas e diferentes níveis de governo, o feminismo se estende verticalmente e se transversaliza, sendo este último conhecido como “*mainstreaming*”. Matos (2010) sustenta que se pode demonstrar uma quarta onda do feminismo a partir dessa verticalização, por meio da busca do poder político e institucionalização das demandas através de políticas públicas e criação de novos mecanismos para monitorá-las. A autora também cita desdobramentos da institucionalização (MATOS 2014).

Há ainda um movimento de horizontalização do campo - o chamado “*sidestreaming*” -, no sentido de distintas correntes se tornarem visíveis e fortalecidas (MATOS, 2014). O feminismo acadêmico, negro, lésbico entre outros constituem uma rede plural, evidenciando a imensidão de sub-campos e a heterogeneidade do feminismo. Esses campos discursivos se articulam e mantêm pontos de interseção entre si, porém com relações muitas vezes conflituosas. Destaca-se divergências especialmente com setores do “feminismo jovem” (ALVAREZ, 2014) - aqui incluído os sujeitos centrais desta pesquisa.

A partir da horizontalização, a ampliação da concepção de direitos humanos é indicada como outra característica da quarta onda do feminismo (MATOS, 2010). Dentro disso, os campos de ação feministas defendem o princípio da não discriminação, no sentido de ser contra todas as formas de opressão (ALVAREZ, 2014).

O momento atual é marcado por debates sobre corporalidades, sexualidades e identidade de gênero, como o transfeminismo (ALVAREZ, 2014). Deste modo, há novas formas teóricas de compreender os fenômenos de raça, gênero, sexualidade, classe, geração e as próprias categorias de “mulher” e “feminismo”. Matos (2010) argumenta que a ampliação e diversificação das bases de mobilizações sociais e políticas também indicam a emergência da quarta onda do feminismo, que incluiria uma perspectiva trans ou pós nacional.

É dentro do contexto descrito que se inserem os coletivos feministas nas escolas. Faz-se difícil definir com precisão quais características têm relação direta com esse fenômeno, por ser uma novidade nas escolas e no campo de pesquisa. Este trabalho não pretende, portanto, definir o que é um coletivo feminista no espaço escolar nem defini-

lo anteriormente, mas entender o conceito como uma categoria êmica e situada, no sentido de valorizar como os sujeitos que vivenciam essa experiência nomeiam esse objeto. O coletivo feminista não é, pois, um conceito que será definido a partir de elementos anteriores, mas é parte integrante da investigação localizado na forma como as transformações do campo de ação dos movimentos feministas se relacionam com as escolas. Desta forma, busco explorar como “coletivo feminista” vem sendo pensado no contexto específico de pesquisa que explora a relação com a escola.

## 2.2. JUVENTUDE NOS FEMINISMOS CONTEMPORÂNEOS

Constatai, ao elaborar esta pesquisa, que há poucos estudos sobre a juventude dentro movimento feminista. Cabe ressaltar que, mesmo assim, a literatura sobre essa geração faz um recorte etário que não contempla as estudantes escolares. Ainda assim, é possível destacar algumas considerações sobre ser jovem feminista.

O campo de ação feminista contemporâneo é marcado pela presença significativa de jovens. Isso não é inédito no movimento, uma vez que a geração dos anos 70 envolvida com o feminismo estava na juventude (ZANETTI, 2009). Na década de 80, essas mulheres já estavam adultas, o que pode ser constatado inclusive pelas reivindicações mais comuns da chamada terceira onda, como salário igual para trabalho igual e serviços de creches e pré-escola (GOMES; SORJ, 2014). Já nos anos 90, foi raro o ingresso de militantes feministas jovens.

Contudo, a atual reaproximação da juventude ao movimento feminista tem suas especificidades. Hoje há um reconhecimento da identidade “jovens feministas” enquanto categoria identitária que não correu nos anos 70. Constitui-se um grupo que reivindica e assume essa identidade (GOMES; SORJ, 2014).

Zanetti (2009) defende que há uma intersecção entre a condição feminina e a juventude, que traz características singulares. O conceito de interseccionalidade, inicialmente desenvolvido por Crenshaw (1989), diz respeito às consequências de interação entre duas ou mais formas de subordinação, superando uma noção simplificada de superposições de opressões. Nesse sentido, defende-se uma leitura interseccional sobre jovens feministas. Há pautas do movimento feminista que incidem particularmente sobre a juventude, como aborto e violência contra mulher (MATOS, 2010).

Uma parte desse grupo se posiciona enquanto “jovem” antes de “feminista” como uma decisão política. Isso porque a categoria “jovem” seria uma forma de manifestar uma visibilidade dentro do movimento (ADRIÃO; TONELI; MALUF, 2011). Ao se colocar como um segmento dentro do campo, revelam-se tensões e disputas geracionais.

Cabe ressaltar o risco de homogeneização do termo “jovens feministas”, uma vez que múltiplas especificidades e diferenças são apagadas sob uma categoria única. Não é possível ignorar o movimento de horizontalização do campo (“*sidestreaming*”) e invisibilizar diferentes sujeitos, correntes e discursos entre as “jovens feministas” (ALVAREZ, 2014).

A posição de assumir a identidade de “jovens feministas” e o reconhecimento da interseccionalidade desse termo indica que há disputas dentro do campo de ação feminista. É necessário atentar-se para as tensões geracionais que estão sendo denunciadas pelas jovens feministas.

As considerações levantadas são no sentido de evidenciar relações de poder desiguais entre jovens e adultas. Dessa maneira, as jovens estariam sendo colocadas mais na condição de herdeiras do movimento do que como sujeitos responsáveis pela continuidade. Além disso, as relações geracionais são atravessadas por desconfiança e inexperiência, onde as jovens não são percebidas com igualdade (ZANETTI, 2009).

As demandas das jovens feministas são por um feminismo menos hierárquico e adultocêntrico. Elas contestam a hierarquia de autoridade e disputam acesso à espaços de poder e decisão (ZANETTI, 2009). Reivindicam um recorte geracional de pautas já existentes e uma maior atenção a temas que impactam mais a juventude, como violência. (GOMES; SORJ, 2014)

Recorro à discussão da juventude no movimento feminista no sentido de caracterizar as especificidades dessas meninas. Como os sujeitos do presente estudo são inclusive estudantes, elas carregam particularidades de pertencer à essa instituição e a experiência de seus feminismos é atravessada por isso. Apesar de identificar tanto na literatura quanto nessa pesquisa tensões internas geracionais, não pretendo entendê-las e analisá-las, senão situar os feminismos em questão no campo mais amplo de ações feministas.

### 3. SITUANDO OS FEMINISMOS NA ESCOLA

Os feminismos na escola aparecem de formas plurais. São diversos os olhares, perspectivas e concepções que são construídas acerca deles, que muitas vezes envolvem negociações e tensões entre os sujeitos na instituição escolar. As diferentes visões sobre os feminismos são marcadas, sobretudo, pelas gerações, divididas simultaneamente entre jovens e adultas e estudantes e professoras. É a caracterização e entendimentos dessas experiências que o leitor vai acompanhar nas próximas sessões.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO

Esta seção descreve a entrada dos feminismos na escola, percorrendo quando, porque e como eles surgem e tomam forma. Essas configurações são apresentadas a partir, sobretudo, da visão das estudantes, porém também são envolvidos os olhares das professoras, que evidenciam alguns conflitos. Na sessão seguinte, exploro como as entrevistadas entendem o feminismo na escola, apontando as experiências nas relações com os outros. Elas contam como é essa experiência e revelam a dimensão relacional na escola.

O momento em que o feminismo chega no colégio, na perspectiva da maioria das entrevistadas, coincide com a ocupação dos estudantes em 2016. Segundo Marielle Franco, a ocupação “ensinou pra outras meninas o que é [feminismo] e aí a gente foi crescendo aqui dentro da escola”. Bartolina dos Santos lembra que com a ocupação teve uma “quebra, porque antes não tinha tanta presença [do feminismo] como tem hoje”. Elas também indicam a mudança da direção no fim das ocupações como elemento fundamental para o feminismo na escola, uma vez que a antiga direção era fechada e não proporcionava debates. Luísa Mahin descreve que essa é uma gestão que entende a escola:

*Quando a gente tinha a direção antiga não dava não. Era muito assim, eles nunca te diziam não, mas também nunca diziam sim, sabe. Aí era basicamente um tapinha no ombro e nada mais seria feito. E aí quando mudou a direção não, aí a gente podia levar as ideias, a gente começou a ter a escola assim um pouco mais consciente, crítica, que é o que a gente quer.*

Algumas sugerem ainda que o colégio sempre tratou dessa questão. “Eu sempre escutei muito (...) que a Frumka Płotnicka é sempre de portas abertas. Que ela te

escuta”, afirma Maria Eduarda Alves da Conceição. Vashti também começa respondendo, enfaticamente, que o feminismo é “desde sempre” na escola. Contudo, ela percebe que há cada vez mais e, principalmente, dando voz às estudantes. A percepção da professora de um protagonismo das estudantes acerca do feminismo dialoga com a indicação delas da ocupação como marco fundante do movimento na escola.

Ao serem questionadas por que feminismo na escola, a maioria das respostas das estudantes foram no sentido de apontar a educação dos meninos como justificativa. Elas relatam que eles são “extremamente” machistas e defendem que o feminismo é necessário para que eles aprendam a respeitá-las. Bartolina dos Santos ilustra esse argumento com o comportamento em relação ao uniforme:

*porque (...) tinha esse negócio de “ai menina não pode usar calça legging porque os garotos não vão se segurar”, já ouvi isso de uma professora de educação física. Então, para mim, o feminismo é necessário exatamente por causa disso, de não as meninas não poderem usar calça legging e sim os meninos aprenderem a respeitar as garotas independente de estar usando calça legging ou não.*

As justificativas também são no sentido de querer igualdade e luta por direitos. Vashti defende que é na escola “o lugar do feminino, do feminismo, das feministas”, que deve ser entendida como espaço de resistência e como espaço das vozes. Além disso, Maria Eduarda Alves da Conceição declara que elas se sentem julgadas pelos outros e, assim, acabam se sentindo “um pouco oprimidas por querer ser do jeito que a gente é”. A professora Luísa Mahin ainda defende que há uma “responsabilidade social”, especialmente enquanto professora mulher, de discutir feminismo na escola.

A fala de Marielle Franco propõe outra perspectiva para essa questão, uma vez que as razões de ter feminismo na escola não estão nos meninos, mas sim nas meninas. Ela acredita que muitas mulheres são criadas por famílias machistas e na escola elas podem aprender a ter “amor próprio”. Assim, ela defende que a escola é um espaço que pode proporcionar a identificação de muitas meninas com o feminismo, como ela descreve que foi seu próprio processo:

*foi aqui que eu me identifiquei, que eu falei “cara, que maneiro” (...) aqui dentro eu vi realmente o que era isso sabe, e aí eu olhei e falei “Não, não pode ser assim”. Foi a hora que eu comecei a me impor e tudo o mais pra tudo na vida.*

Com o intuito de caracterizar como os feminismos se manifestam na escola, percebi que são plurais as formas que eles aparecem, induzido por diferentes sujeitos. Foram descritas ações organizadas pela direção, por professoras, pelo Grêmio Estudantil e por grupos independentes. As entrevistadas também citaram momentos que aconteceram de maneira difusa em conversas com amigos, discussões entre colegas e em comentários no grupo de Facebook da escola. Há, ainda, o feminismo que se manifesta a partir do olhar sobre o corpo das estudantes, como nas filas para o almoço e no uniforme escolar.

As discussões que surgem no grupo de Facebook da escola remetem ao debate que Rocha (2017) levanta sobre a quarta onda do movimento feminista e o fenômeno do ativismo digital. A autora constata que discursos múltiplos e descentralizados são característicos da manifestação no ambiente virtual. Além disso, a internet pode ser um espaço de libertação do discurso feminista tanto quanto do fortalecimento do machismo. No momento que as estudantes entrevistadas apontam comentários machistas no grupo do Facebook, elas reiteram o estudo de Brito (2017) quando se anuncia que as ferramentas comunicacionais da internet podem ser utilizadas para disseminação da cultura machista. Por outro lado, a reação de enfrentamento das estudantes nesse meio revela a apropriação dessa tecnologia como forma de expressão e ativismo.

As estudantes citam variadas atividades sistematizadas, como filmes. Marielle Franco conta de um documentário sobre a Marcha das Vadias, que mostrava “não só o lado de que ‘não somos só garotas com peitos de fora’”, apresentado por professores de universidades convidados pela direção. Dandara dos Santos descreve um filme que um professor passou em sala e, em sua opinião, o filme demonstra que o machismo é uma cultura. Ela também ressalta o tema do amor, em que homem e mulher conversavam sobre feminismo e entravam em um acordo.

Marielle Franco menciona que, na época de candidatura da sua chapa para Grêmio Estudantil, elas colocaram um enorme cartaz entre o banheiro masculino e feminino que dizia “Se cuida machista aqui tem feminista” e relata as diferentes reações diante dessa manifestação. Muitas lembram de palestras, rodas de conversa e exposições que ocorreram no auditório, em que outras turmas são convidadas a participar. Observei uma atividade nesse modelo, organizada por professoras em conjunto com o Grêmio Estudantil.

Ao serem questionadas quando o feminismo aparece na escola, várias entrevistadas indicam os debates que se desenrolam dentro de sala, principalmente a

partir de comentários machistas. “Aconteceu alguma coisa machista, aí já vem as meninas e botam em cima. E a gente fala mesmo e começa a debater”, conta Jyoti Singh. Há ainda os trabalhos desenvolvidos pelos professores. Algumas lembram de exposições, pesquisas em sala e debates que os professores estimulam. Zuleide Aparecida do Nascimento cita que o professor de língua portuguesa trabalhou o tema para exercitar a escrita de redações. O presidente do Grêmio Estudantil contou que uma semana antes da minha visita à escola as professoras, em parceria com o Grêmio, organizaram uma conversa sobre a Lei Maria da Penha. Além de uma exposição histórica, elas contaram relatos pessoais e, durante o encontro, algumas estudantes compartilharam suas histórias sobre agressões.

O trabalho desenvolvido por professores mais mencionado foi as apresentações de dança de inglês e espanhol, que revelam diferentes dimensões de negociações e tensões do campo de ação feminista. A professora de inglês me explicou que as turmas são divididas em grupos que apresentam, através da dança e da música da respectiva língua estrangeira, um tema definido pela docente. Alguns exemplos dos assuntos sorteados são racismo, homofobia, feminismo e depressão. No momento que fui entrevistá-la, tive a oportunidade de assistir o ensaio de alguns grupos no palco do auditório.

Para as estudantes, esse trabalho envolve feminismo, uma vez que é um espaço onde elas podem se expressar. Os movimentos no palco - em que alguns meninos também dançam - são de muito reboado, quebradas de quadris, passos sensuais e, para Jyoti Singh, essas apresentações quebram tabus. Muitas entrevistadas, ao responderem sobre a recepção das pessoas em relação ao feminismo na escola - descrito no capítulo 3 - se referem às reações resistentes em relação a esse trabalho. “Acabou que gerou muita polêmica”, diz Jyoti Singh.

Ranniery (2018), ao explorar como performances de “meninos gays” converteram currículos em estratégias de sobrevivência e experimentações de existência, me oferece elementos que enriquecem a análise sobre esse trabalho na escola. As estudantes defendem que feminismo é “se sentir como mulher” e que isso passa por mostrar seus corpos, sensualizar e apresentá-lo à sua maneira e, quando indicam que as apresentações de dança são espaços de expressão desses seus feminismos, a atividade em questão não é uma simples mostra nos eventos escolares, mas constitui modos de viver. De tal maneira, a possibilidade de elaborar performances,



assim como no caso do autor, permite que o currículo funcione como um lócus para a produção de um espaço de ser e pertencer.

É interessante notar que o olhar da professora de inglês sobre esse trabalho é de uma perspectiva diferente. Ela também percebe que as apresentações de dança dialogam com feminismo, porém apenas trata do grupo que se ocupa exclusivamente desse tema. Luísa Mahin acredita que a dança do feminismo aborda igualdade e exemplifica no sentido dos meninos também rebolem nessa apresentação. Ela lamenta que não conseguiu “sentar realmente em sala, fazer uma roda e conversar sobre o tema”, mas ainda planeja fazê-lo.

As distintas leituras acerca da mesma atividade evidenciam diferentes formas de entender e viver o feminismo dentro da escola. Nesse sentido, a professora limita sua análise de identificação do feminismo em espaços intencionais sobre o tema, restrito a debates organizados e trabalhos planejados. Deste modo, ela consegue apontar exatamente quando e quem vivencia o feminismo, assim como as narrativas hegemônicas do campo de ação feminista fizeram em determinados momentos da história, como quando alguns setores na chamada segunda onda marcaram a militância autônoma como constituinte de quem seria ou não feminista e diferenciaram-se das “outras do feminismo”. Da mesma forma, Luísa Mahin dita o que conta ou não como feminismo, a partir de ações que ela determina e estabelece.

Por outro lado, as estudantes ultrapassam esses limites, identificando feminismo também na experiência que passa pelos seus corpos, na possibilidade de dançar da maneira que elas querem, na reação reativa de colegas diante disso e nos debates que surgem, sugerindo tensões geracionais<sup>1</sup>. Elas contam, por exemplo, como foram comparadas com prostitutas por causa das danças e a troca que se desenrolou a partir dos comentários revela esse feminismo para além do olhar disciplinador da professora.

É possível aprofundar essas tensões e a pluralidade dos feminismos na escola a partir da observação da atividade de encerramento da Semana Contra o Assédio que participei, no dia 28 de agosto. Após estudantes do colégio Pensi, no Rio de Janeiro, denunciarem nas redes sociais casos de assédio envolvendo professores, meninas de outras escolas se organizaram em torno de diversas atividades sobre o tema. No colégio observado para esta pesquisa, foram planejadas ações para a semana inteira, que foi

---

<sup>1</sup> O aspecto da tensão geracional será abordado com profundidade na próxima sessão.

finalizada por um evento no auditório elaborado pela professora Vashti e o Grêmio Estudantil.

O evento foi aberto pela própria professora Vashti, que definiu o que é assédio e ressaltou a importância de trazer esse debate para a escola. Em seguida, em torno de cinco professoras discursaram sobre o tema no palco, com tempo cronometrado para cada uma. O microfone foi então passado para dois representantes do Grêmio Estudantil, que apresentaram dados sobre assédio. Ao final desse momento, uma aluna pediu espaço e relatou sua experiência pessoal de assédio que sofreu na família, encorajando outras meninas a denunciarem. A atividade foi encerrada com uma série de vídeos que os estudantes selecionaram sobre o tema.

A atividade, que poderia ter adquirido diversos formatos e linguagens, obedeceu ao padrão escolarizado: discursos frontais, vídeos e análise de pesquisas. Observando as atividades que as entrevistadas indicaram - cartazes, palestras e rodas de conversa - é possível perceber que, para estar na instituição, o feminismo assume as estratégias pedagógicas que a escola já permite e, sobretudo, aprova.

Contudo, a dimensão estrutural também envolve conflitos e negociações, como no momento que as estudantes apontam as apresentações de dança como um espaço de expressão de seus feminismos. Os currículos passam a constituir, como afirma Ranniery (2018), possibilidades de existência, indicando que sua composição passa a ser contestada e sugerindo um olhar sobre o currículo como campo aberto à experimentação. Assim, o campo de ação feminista assume diferentes formatos na instituição escolar, tensionando a organização da escola.

Quando fui convidada a assistir a atividade de encerramento da Semana Contra o Assédio, tinha a expectativa que o evento iria tratar exclusivamente de assédio contra a mulher, porém fui surpreendida com a expansão do tema por parte das professoras e alunos. As docentes falaram sobre assédios que sofrem os cidadãos, jovens e professores. Os alunos trouxeram dados de violências contra mulheres e homens e um dos vídeos abordava a questão racial. A escolha pela expansão do tema parece ser no sentido de querer contemplar a todos nas atividades e discursos.

Assim, o assédio contra meninas em um colégio não diz respeito apenas à jovens estudantes, mas é ampliado a qualquer tipo de comportamento ofensivo repetidas e prolongadas vezes. Com o intuito de atingir os diferentes sujeitos na escola, corre-se o risco de esvaziar o feminismo, no sentido de invisibilizar as especificidades desse campo de ação. Por outro lado, a abordagem universalista abre espaço para o debate de

outros temas, como discutir a precariedade da educação pública na atividade contra o assédio, o racismo ao levantar o tema da violência e tratar de homofobia quando se discute os direitos das mulheres.

Ao analisar os feminismos na escola, percebo um diálogo com a caracterização que Matos (2010) afirma ser da quarta onda do movimento. A autora descreve a ampliação da concepção de direitos humanos, que aparece difusamente na fala das entrevistadas. Assim, quando relatam atividades sobre feminismo, muitas indicam também ações contra homofobia, racismo e xenofobia. As falas são muito marcadas pela noção de igualdade, assim como Alvarez (2014) considera que é o feminismo contemporâneo, se colocando contra todas as formas de opressão.

Outra dimensão de conflito na caracterização dos feminismos que aparece na escola é evidenciada a partir da fala de Maria Eduarda Alves da Conceição que, ao ser questionada por que feminismo no colégio, dá pistas de por onde passa as tensões:

*Porque, sinceramente, a gente aqui é muito julgada, porque (+) como eu te digo (+) nós viemos, a maioria daqui é de favela, das comunidades essas coisas. E a gente é criada mostrando o corpo, mesmo que a gente não ache que seja algo errado. E mesmo que (+) a gente gosta de sensualizar, posso dizer desse jeito. E muitas vezes os meninos acabam entendendo de forma errada, a escola entende de forma errada e a gente acaba se sentindo um pouco oprimida por querer ser do jeito que a gente é.*

Maria Eduarda Alves da Conceição ilustra esse julgamento com o uniforme escolar. Ela deixa claro que não se refere a quem desrespeita as regras do colégio -“não estou dizendo que seria um short curto, não estou dizendo que seria um sutiã vermelho mostrando”- mas outras formas que perturbam a ordem escolar, como blusas curtas ou maquiagens. Ela defende a possibilidade das meninas se vestirem dessa maneira, porque “é o jeito delas, é o estilo delas, é o jeito que elas querem que a gente veja elas”. A estudante acredita que feminismo não é só a defesa por direitos iguais, mas é também se sentir como mulher e, para elas, passa por dizer quem são e como querem entender e apresentar seus corpos.

A questão do uniforme evidencia, para Maria Eduarda Alves da Conceição, a desigualdade de direitos entre meninos e meninas na escola. Ela explica que, em dias de educação física, os meninos podem vestir roupas de time, ficar sem blusa no meio da aula e usar shorts sem cueca, enquanto as meninas não podem usar roupas coladas, vestir shorts ou blusas com gola v. A aluna conta que já levou advertência por estar com

uma camisa branca e a direção respondeu que estavam seguindo a lei. Ela acredita que a regra é injusta, pois é desproporcional, e questiona como é aplicada em sua escola: “se é lei, tem que ser cumprida para os dois lados”.

O uniforme também aparece como elemento em disputa na fala da coordenadora da escola na atividade que observei de encerramento da Semana contra o assédio. Ela estava fazendo referências ao colégio onde começaram as denúncias que deram início a essa Semana quando disse:

*Uma professora falou: “Ah não, mas muitas alunas vêm com a camisa amarrada, com a camisa curta e elas não se dão o respeito.” Respeito não tem que ser dado, ele tem que existir! Eu não tenho que dar o respeito! Agora uma outra coisa, vir de blusa amarrada curta no colégio é outra coisa, é falta de respeito. Porque tem que vir de uniforme. Então as coisas estão muito misturadas.*

Nesse sentido, o que é “falta de respeito” para a coordenadora é uma reivindicação de “se sentir como mulher” para as estudantes, onde a disputa está colocada sobre os corpos das jovens. Maria Eduarda Alves da Conceição também dá o exemplo de brincadeiras com os meninos. Ela explica que são literalmente brincadeiras, “porque aqui a gente não tem esse negócio de maldade” e aponta que os outros entendem a situação errado, acham que eles não são capazes de conversar sobre certos assuntos e, assim, as jovens são julgadas.

Outro momento que tem como centralidade os corpos das estudantes atravessada pela questão de gênero são as filas para o almoço. O coordenador apontou que esse era um espaço de conflito e Dandara dos Santos explica que, antigamente, as filas eram todas misturadas, porém “tinha aquele empurra-empurra” que os meninos começavam. Ela narra que as meninas reclamavam na direção conforme aumentaram os insultos e machucados e os meninos não aceitavam respondendo que não eram eles, até que o inspetor teve a ideia de separar entre “fila de menina e fila de menino”. A estudante defende que as filas não devem ser separadas, pois é uma questão de maturidade e do que é o feminismo: “você ser humano e igualdade pra todo mundo”.

A tensão na escola parece ter o corpo das meninas como limite, ao passo que esse é elemento constitutivo das experiências feministas das jovens. Enquanto a professora Luísa Mahin e a direção não reconhecem nas apresentações de dança e no uniforme, respectivamente, os modos de viver, experimentar e existir das estudantes, fica evidente que o debate não está aberto quando passa pelos corpos das jovens. As

formas escolarizadas parecem não dar conta dos feminismos que emergem, perdendo de vista as potencialidades que as estudantes podem trazer e trocar com a escola.

Inicialmente, na busca de uma escola para realizar esta pesquisa, eu tinha uma percepção do que eram os coletivos feministas escolares a partir da realidade que eu conhecia de alguns colégios particulares na Zona Sul do Rio de Janeiro: uma rotina cotidiana de funcionamento com regras estabelecidas e tomadas de decisões organizadas. Quando comecei a visitar as escolas públicas, perguntava por esse modelo de coletivo pré-concebido e ouvia respostas negativas.

Ao encontrar o colégio selecionado para esse trabalho, as estudantes me receberam respondendo que não tinham um coletivo feminista, ao mesmo tempo que estavam vestindo vermelho como protesto pelos casos de assédio no Colégio Pensi e planejavam outras atividades para a semana. Assim, compreendi que eu estava indo para o espaço escolar com uma definição anterior de “coletivo feminista”, sem perceber os sujeitos que vivenciam aquela experiência e como a nomeiam. Me entendi reproduzindo a invisibilização que muitas vezes marcou a história do campo de ação feminista, como por exemplo, na terceira onda do feminismo, em que setores articulados foram destacados enquanto expressões menos estruturadas foram silenciadas. Eu, enquanto mulher branca com a perspectiva da escola particular, estava apagando a heterogeneidade que é o campo de ação do movimento feminista, determinando quem estaria “dentro” e quem seriam as “outras”. Essas disputas, tensões e pluralidades acerca dos feminismos também aparecem em como as estudantes entendem suas experiências e no apontamento da relação com os outros na escola, e serão abordados na próxima sessão.

### 3.2. PERCEPÇÕES

A presente sessão expõe como as entrevistadas entendem a experiência de ser jovem feminista estudante e seus apontamentos da relação com os outros sujeitos daquele espaço. Elas contam como é a recepção do tema e das atividades por parte dos meninos, meninas e professores e, assim, constroem a percepção delas sobre elas mesmas nesse processo e em relação aos outros. Revela-se que a dimensão relacional é atravessada por conflitos e disputas, tanto com os que apresentam resistência aos feminismos quanto dentro do próprio campo de ação feminista na escola, sobretudo entre as gerações de jovens e adultas.

Cada uma das entrevistadas entende a experiência de ser feminista na escola, enquanto jovem estudante ou professora, de maneira singular. Bartolina dos Santos define feminismo como seu estilo de vida, como algo que vai estudar continuamente e que está relacionado com outros assuntos complexos na sociedade. Ela gosta de ser feminista porque se sente incluída na sociedade e percebe que “o feminismo traz mais informações pra mim, como pessoa, como mulher, na sociedade”.

Para Marielle Franco, a experiência de trazer feminismo na escola é uma honra. Ela conta que ensinou muito para várias meninas o que era feminismo e fica muito feliz com isso. Ela lembra como orientou colegas que tomaram vinte pílulas do dia seguinte em menos de um mês porque o namorado não queria usar camisinha e mostrou para amigas que elas estavam em relacionamentos abusivos. Marielle Franco afirma que não quer sair tão cedo do feminismo e que a única solução na luta por direitos iguais é “ser uma luz no caminho para as pessoas”.

Maria Eduarda Alves da Conceição, por outro lado, caracteriza a experiência de ser jovem feminista estudante como difícil. Ela explica que os outros não entendem o que é ser feminista, porque declaram que “se você é feminista, você é contra o homem” e muitos não estão abertos a ouvir, mesmo quando elas tentam conversar. “Você acaba sendo a chata, você acaba sendo a que quer se mostrar, a diferentona do grupo”, ela diz. É ainda mais difícil quando percebe que suas amigas “acham dessa maneira” e descreve que “aí fica meio difícil - a gente convive - mas fica meio difícil esse contato entre uma e outra”.

Luísa Mahin parece compartilhar desse sentimento quando descreve que fica “meio constrangida e às vezes saco cheio”. Para ela, a experiência de ser professora feminista “é meio desgastante. É mais desgastante do que prazeroso”. Se Maria Eduarda Alves da Conceição aponta dificuldade com os alunos, Luísa Mahin denuncia resistência por parte dos colegas e sente que é alvo de alguns comentários. Ela também se queixa da falta de diálogo, principalmente por parte dos mais tradicionais: “a gente que é taxado de não saber ouvir, mas é totalmente o contrário, a gente ouve o tempo todo”, ela conta.

Ao mesmo tempo, Luísa Mahin diz que não deixa de tratar o tema na escola e entende que, enquanto professora, ela é um modelo para os outros na sala de aula. Assim, para ser professora feminista, em sua visão, é necessário não apenas “teorizar o feminismo”, mas também “vivenciar isso”. Ela ilustra a “questão das atitudes” quando

não deixa nenhum comentário machista em sala: “se eu ver eu vou falar, eu não vou deixar passar”.

Ao ser questionada como tem sido a experiência de ser professora feminista que está trazendo feminismo pra escola, a professora Vashti descreve como, na verdade, ela que tem aprendido com os estudantes: “é punk, eu levo porradas filosóficas né, cognitivas o tempo todo”. Ela diz que está muito emocionada, que hoje em dia é aula de todos os lados, é sentido, sentimento, é educação acontecendo.

Dandara dos Santos sente, assim como Luísa Mahin, certo constrangimento. Ela explica que ser jovem feminista estudante é sentir um olhar de desprezo, sentir opressão dentro da escola. Para ela, esse olhar traduz o pensamento de que, por ser mulher, “daqui a pouco vai sair daqui do ensino médio e acabou. Você vai ficar dentro de casa, varrendo, acabou”. Jyoti Singh também expressa receio em relação ao mundo fora da escola. Na sua perspectiva, se já é difícil no colégio, fora vai ser mais ainda, pois trata-se de “pessoas adultas que tem realmente opinião formada” e não os alunos que levam o tema como brincadeira. “Tem muita gente que tem opinião muito forte sabe, que bate de frente mesmo e a gente tem que estar preparado pra tudo”, ela explica.

As entrevistadas indicam que ser feminista na escola passa pela denúncia de violências e silenciamentos. Além disso, as falas das estudantes são marcadas pelo medo em relação ao futuro, tanto no sentido de expectativas que carregarão por ser mulher fora da instituição escolar quanto para encarar o machismo na vida adulta. Esse receio, específico de jovens feministas estudantes, indica uma tentativa de intervir no presente para tentar outras possibilidades de futuro, na qual elas parecem ter a sensação de que mexer com estruturas não é tão simples. Na perspectiva das estudantes, a complexidade de mudanças estruturais se dá, sobretudo, porque seus feminismos são atravessados pela relação com os outros. Sendo esses outros os meninos, os professores e outras meninas, elas entendem que a dimensão relacional é conflituosa e cansativa e, nesse sentido, não é à toa que o medo aparece.

Todas as estudantes caracterizam a recepção dos meninos de maneira negativa, marcada por muita resistência. Elas apontam que nos debates eles não aceitam outras opiniões e não querem ouvir e, para Bartolina dos Santos, parece que eles “tapam os olhos e os ouvidos”. Ela conta que as turmas publicaram no Facebook vídeos do trabalho de línguas estrangeiras que consistia em apresentações de dança. Seu grupo fez uma dança da Beyoncé e, na internet, recebeu comentários de alunos como “quando

vocês saírem da escola não precisa nem estudar, vocês já sabem o que vocês vão fazer” ou “a porta da boate está aberta para vocês”.

Alguns exemplos que as estudantes trazem passam pela concepção de que eles entendem que há papéis sociais definidos para homens e mulheres, como quando Maria Eduarda Alves da Conceição lembra que muitos meninos dizem que mulher “só serve pra isso” ou quando, segundo Dandara dos Santos, os meninos justificam atitudes sob o argumento de que são homens. Em uma discussão no Facebook, Marielle Franco conta que os estudantes mandaram meninas que defendiam o feminismo na escola irem lavar a louça e falaram que era para “voltar a época que as mulheres não tinham direito a ler”. Elas também reclamam que eles não entendem o debate: “Se você é feminista, você quer ser melhor do que o homem”, conta Maria Eduarda Alves da Conceição. As entrevistadas revelam que muitos encaram o feminismo como vitimização e frescura, alegam que estão apenas brincando e pedem que as meninas “relaxem”. Elas contam que sentem dificuldade de diálogo com os meninos, pois têm praticamente a mesma idade. Bartolina dos Santos diz que “é muito chato você medir força com um aluno que é da sua idade” e sente falta do trabalho da escola nesse sentido. A diretora da escola apontou que os meninos precisam muito do tema, pois muitos irão votar no candidato à presidente da República Jair Bolsonaro e porque acham que feminicídio “é coisa da nossa cabeça”.

Outras estudantes também citam Jair Bolsonaro quando reproduzem as falas dos meninos ou tentam explicar por onde passa o machismo na escola. Machado e Scalco (2018), ao analisar juventude, política e pobreza e relações com lulismo e bolsonarismo, percebem que já em 2017 era raro encontrar um menino que não fosse admirador ou que não pensasse em votar no candidato à presidência. As justificativas da adesão juvenil bolsonarista no ensaio passam pela perda de protagonismo social, sensação de desestabilização da masculinidade hegemônica, crise de violência urbana, admiração que a figura militar de Bolsonaro desperta nos meninos e o apelo à ordem. Bolsonaro, que segundo as autoras se tornou um fenômeno e símbolo de identificação masculina, é alvo de críticas de manifestações machistas por parte de meninas nas escolas, assim como no caso do presente estudo.

As estudantes defendem que a postura dos meninos não é por falta de informação, mas porque eles realmente não têm interesse. Quando há palestras ou eventos organizados pela escola, elas afirmam que eles ignoram. E, quando comparecem, conversam, fazem barulho, não prestam atenção e querem sair cedo.



No que diz respeito à recepção das meninas acerca do feminismo, as entrevistadas apontam mais de um tipo de comportamento. As falas são predominantemente positivas, onde defende-se que há interesse, curiosidade e vontade de participar dessa luta. Elas afirmam que as meninas aprendem e crescem umas com as outras e algumas são, segundo Maria Eduarda Alves da Conceição, “super feministas”.

Por outro lado, as estudantes reconhecem que há meninas que “pensam como os meninos”, como diz Maria Eduarda Alves da Conceição. Sobre esse assunto, Bartolina dos Santos acredita que não é culpa da menina, porque entende que é falta de informação. Jyoti Singh também segue nesse sentido ao descrever a recepção das meninas, afirmando que elas têm muitos preconceitos inclusive com elas mesmas, e relaciona com sua própria história:

*Eu cresci em um meio evangélico que é extremamente assim, rigoroso sabe, de roupa, de estilo de vida e assim tem meninas também que são desse meio e tão começando a abrir a mente, como eu também, e tem muitas meninas também pelo fato da criação mesmo, dos pais serem muito conservadores e tal, e elas estão começando a se achar nesse meio*

A recepção dos professores também parece ser diversa. As estudantes reconhecem que há os que apoiam o movimento e participam de atividades, destacando as professoras de sociologia, filosofia e língua estrangeira como os de maior abertura para o tema. O coordenador também menciona essas professoras e acrescenta que algumas já vem inserindo feminismo no currículo escolar. Ao mesmo tempo, elas contam que muitos não se posicionam. Quando há debate, eles não reagem e decidem não opinar ou se pronunciar. Além disso, todas identificam resistência de muitos professores. Esses implicam, querem colocar ordem e não dão importância para palestras sobre feminismo, pois não enxergam relevância nisso e privilegiam seus próprios conteúdos. “Na minha aula vou escrever o quadro, vou ensinar aqui no livro e pronto, não vai ter debatazinho”, descreve Marielle Franco. Segundo a professora Luísa Mahin, há muitos professores que acham que falar de feminismo na escola tira a chance de alguém de fazer uma questão no ENEM.

Quando a entrevista já tinha acabado e a gravação encerrado, Marielle Franco me contou que há um professor machista na escola, que assedia algumas alunas. Para ela, ninguém faz nada porque é um professor de matemática e todos tem dificuldade na sua disciplina, mas a direção teria dito que está cuidando do assunto. Conversamos na “Semana contra o assédio” e ela pensou que a movimentação de denúncias de assédio

contra professores que se iniciou no Colégio Pensi poderia ter sido na sua própria escola. “Está em todo lugar”, ela afirmou.

O coordenador também relatou que já presenciou - usando o verbo no tempo passado - muito preconceito no Conselho de Classe, onde alguns professores faziam distinção entre gêneros e definia papéis sociais de acordo com eles. Ele conta que nas eleições para direção na época das ocupações os alunos perguntaram o que se faria com um professor envolvido com casos de machismo e sua chapa prometeu denunciá-lo. Ao vencer, eles entraram com um processo, que ainda está tramitando. Depois disso, segundo o coordenador, fizeram uma palestra com os professores sobre machismo e os casos que envolvem os docentes teriam diminuído. “Mas você ainda vai encontrar casos aqui”, ele me diz. É possível destacar, nesse sentido, que o feminismo se espalha entre professores mesmo sem a mediação das estudantes, sendo elemento de disputa em ambientes exclusivos de docentes e direção.

A professora de inglês conta que, por causa da postura de resistência de muitos professores e do Projeto “Escola Sem Partido<sup>2</sup>”, ela sente muito medo de trabalhar feminismo no colégio. Dificilmente ela trata com um colega sobre algo que fez em sala e, mesmo nesse espaço, ela cria estratégias para se proteger. Ela conta que a alguns anos atrás trabalhou na disciplina de língua inglesa com o livro “We should all be feminist”, de Chimamanda Adichie, se respaldando na aula de gramática para puxar o debate sobre feminismo. “Se alguém também for falar qualquer coisa eu vou dizer ‘ué, mas eu estava ensinando *past simple*’”, ela diz.

O caráter universalista que o feminismo assume na escola, descrito no capítulo anterior, é aqui resgatado. A abordagem institucional de um feminismo que tenta atingir os diferentes sujeitos encara dimensões relacionais muitas vezes conflituosas e tem eco na forma que as estudantes percebem suas experiências. Elas destacam constantemente as dificuldades na relação com os outros e, nesse sentido, entendo que a tentativa de contemplar a todos enfrenta a negociação com diversas especificidades. Essa perspectiva relacional e conflituosa se faz presente não apenas entre os diferentes sujeitos de forma geral na escola, mas sobretudo dentro do campo de ação feminista na instituição, entre estudantes e professoras. Assim, a reação de Vashti em relação às estudantes jovens feministas é que:

*Eu estou abismada, perplexa, porque cada vez mais, cada ano quando acontece o debate em sala de aula eu vejo as meninas,*

---

<sup>2</sup> PL 7180/14 que dispõe sobre a conduta dos professores dentro de sala de aula.

*as alunas, as jovens estudantes se colocando e contando fatos que aconteceram com elas, aí vem muito choro, muito susto, muita tristeza, abraços, a turma aplaude (...) é impressionante (...) cada vez mais as alunas estão se colocando sem medo e sem vergonha de falar.*

Luísa Mahin identifica que elas estão muito abertas e relata isso com alegria. Desta forma, é possível perceber que o olhar das professoras adultas sobre essas jovens feministas passa por um lugar de admiração. Ao mesmo tempo, as duas professoras confessam surpresa em relação à postura das meninas. Em certo sentido, parece que elas não esperavam essa abertura e protagonismo de jovens estudantes no que diz respeito ao campo de ação feminista e, em alguma medida, essa reação me sugeriu uma estranheza a algo que seria do campo do inimaginável. O espanto que passa por um quase questionamento lembra a denúncia que jovens feministas levantam, segundo Zanetti (2009), de uma tensão geracional que é atravessada por desconfiança.

Essa relação geracional marcada por tensões enquanto disputa dentro do campo de ação feminista entre jovens e adultas é evidenciada em outras dimensões na escola. A professora Luísa Mahin acha que:

*eles fazem muita coisa, da vida deles, do entorno deles, da comunidade deles, da onde quer que seja, que é deturpado. Que já é uma visão de feminismo que não é o feminismo. Eles já trazem também aqueles ícones feministas que são aquelas mulheres que no fundo não estão falando sobre feminismo né, estão dizendo que estão. A gente tem nesse caso uma deturpação de lugar de fala né, dessas mulheres, que não é isso.*

Luísa Mahin se coloca no lugar de quem sabe o que é o feminismo em uma perspectiva hierarquizada de autoridade que deve ensinar para as mais novas do movimento, uma vez que essas teriam uma visão errada sobre o campo de ação. Assim como Zanetti (2009) aponta, ela não percebe as estudantes com igualdade e seu olhar é atravessado por desconfiança e inexperiência. Essa tensão entre as gerações fica ainda mais evidente quando as estudantes reclamam que na escola são entendidas de forma errada e seus feminismos são julgados.

Ao mesmo tempo, Maria Eduarda Alves da Conceição critica a forma como as mais velhas conduzem o tema na escola. Ela acha que as atividades são muito fechadas e não há ideias novas e criativas e descreve esses espaços: “[as feministas] querem explanar seu feminismo por aí e aí o debate é só elas falando, contando suas histórias de vida e a gente escuta (...) quando vai levantar a mão (...) mudam totalmente a conversa”.

Ela reclama da posição passiva e de exclusiva escuta que estão colocando as jovens, manifestando o desejo de ser protagonista e responsável pela continuidade do campo de ação. A estudante denuncia relações de poder desiguais, que, como Zanetti (2009) indica, é uma das reivindicações das jovens feministas dentro do movimento no que diz respeito à relação com as adultas.

A heterogeneidade do feminismo e a horizontalização do campo, características que Matos (2014) aponta como da quarta onda da história do movimento, são percebidos nas tensões entre jovens e adultas. A análise de Maria Eduarda Alves da Conceição evidencia não apenas o conflito geracional, mas sua fala é também atravessada pela questão de raça e classe. Ela conta que os debates a irritam, porque são conduzidos por feministas brancas e que, quando as estudantes tentam se colocar, aquelas mudam a conversa e “vem dizer sobre a favela, sobre ser pobre”. É possível perceber, como indica Alvarez (2010), a articulação entre os campos discursivos - aqui marcado por estudantes negras de favela e professoras brancas - e uma dimensão conflituosa dessa relação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento feminista e sua história são marcadas por lutas, conquistas e conflitos. Em séculos de acontecimentos e memórias, determinados grupos se tornaram visíveis e puderam compartilhar suas histórias, enquanto definiam o que era o feminismo hegemônico e quem seriam as “outras” que não se encaixavam nessas configurações. Nesse intrincado de relações, emergem os feminismos contemporâneos, se reconstruindo em diferentes sentidos nos dias de hoje, carregando particularidades de nossos tempos e, simultaneamente, revelam ainda as formas plurais de feminismos e denúncias de relações desiguais de poder. Isso fica evidente sob a perspectiva das jovens feministas que, apesar de ser um grupo heterogêneo, têm suas especificidades enquanto segmento dentro do campo. Os elementos da chamada “quarta onda” e as características singulares das jovens feministas se fazem presentes na composição dos feminismos nas escolas e na forma como as jovens estudantes feministas caracterizam essa experiência e o presente estudo buscou situar os feminismos em questão no campo mais amplo de ações feministas.

A heterogeneidade dos feminismos toma forma na contemporaneidade no movimento de horizontalização do campo (*sidestreaming*), no sentido de distintas correntes se tornarem visíveis e fortalecidas, se articulando em relações que mantêm negociações e conflitos. Nas descrições que as entrevistadas desta pesquisa deram sobre as apresentações de dança das aulas de língua estrangeira e na forma que entendem a questão do uniforme escolar, diferentes concepções de feminismos se manifestaram. Se por um lado as estudantes explicam que as performances e os uniformes compõem seus feminismos, ao passar pela forma que expressam e reivindicam autonomia sobre seus corpos e como modos de viver e experimentar, por outro a professora identifica o movimento apenas em espaços de debates direcionados ao tema e a diretora acusa alguns usos do uniforme escolar como falta de respeito. A pluralidade dos feminismos aparece em disputa, já que a perspectiva das adultas determina quem o vivencia, estabelecendo o que conta ou não como feminismo e não reconhecendo entendimentos outros, assim como na história do campo de ação feminista setores disputaram narrativas, atravessadas por relações de poder e invisibilização.

Eu, enquanto pesquisadora branca de classe média, não estive imune a esses processos e me vi reproduzindo-os ao nomear inicialmente o que seria um coletivo feminista na escola e delimitar, a partir da minha perspectiva, o que seria considerado

feminismo na instituição e quais eram as formas válidas de composição. As professoras, também brancas, deixaram explícito esse posicionamento ao indicar os feminismos das estudantes como “deturpado”, a partir de um olhar de quem sabe qual é o “verdadeiro” feminismo e assim, quem tem o poder de decisão sobre ele.

A presença da juventude é significativa nos feminismos contemporâneos e as especificidades da condição de ser jovem feminista, permeadas por denúncias de tensões geracionais, demandas que lhes são próprias e reivindicação de uma categoria identitária, aparecem no espaço escolar e na perspectiva das jovens estudantes feministas. Se há, por um lado, um reconhecimento por parte das adultas do protagonismo e autonomia das estudantes carregado de admiração, esse olhar também é atravessado por uma surpresa que questiona e desconfia das potencialidades das jovens. Ademais, as estudantes reclamam que em atividades sobre feminismo espera-se delas uma postura passiva, onde são colocadas na condição de herdeiras do movimento, que devem escutar as explicações das adultas em uma relação desigual.

As tensões dos feminismos vividas na escola ultrapassam a questão geracional e se estendem à outras relações. Os modos que as entrevistadas entendem a experiência de ser jovem feminista estudante e seus apontamentos da relação com os outros sujeitos daquele espaço revelam resistências e parcerias no encontro com os meninos, meninas e professores, nos quais elas admitem frustração e cansaço e manifestam uma quantidade significativa de casos de machismo dentro da instituição. A recepção das meninas e dos professores é diversificada, onde há os que participam da luta e apoiam o movimento e os que não se posicionam e não enxergam relevância no tema, enquanto os meninos foram descritos como sem interesse para os debates, sem escuta para outras opiniões e que entendem o feminismo como vitimização e frescura, sendo alvo de constantes “brincadeiras”. As estudantes expressam dificuldade no diálogo com os meninos por causa da proximidade da idade e sentem falta do trabalho da escola nesse sentido.

Os estudos de Gomes e Sorj (2014) e Zanetti (2009) apontam que há a reivindicação de um recorte geracional de pautas do campo de ação feminista que impactam mais a juventude e as estudantes entrevistadas indicaram difusamente esses temas que atravessam seus feminismos, como o aborto, feminicídio, assédio e violência contra a mulher. Percebo, contudo, que elas trazem outros temas além dos descritos por esses estudos. Elas reivindicam atenção para questões como menstruação, puberdade e relacionamentos, sendo este último tanto no sentido de entender seus sentimentos quanto na dimensão de relacionamentos abusivos. A literatura sobre jovens feministas

faz um recorte etário que parte da média dos vinte anos, não contemplando as jovens que estão no Ensino Médio. Assim, elas demandam pautas que lhes são próprias enquanto jovens feministas estudantes.

Percebo, deste modo, que há particularidades em ser jovem feminista no espaço escolar. As especificidades das pautas, que vêm do cruzamento entre geração e escolarização, revelam a centralidade dos corpos nos seus campos de ação, o que fica ainda mais evidente ao observar como esse elemento permeia as tensões geracionais, uma vez que a disputa sobre o uniforme escolar e as apresentações de língua estrangeira passam, sobretudo, pelo reconhecimento dos corpos como parte constitutiva de seus feminismos. Além disso, ao estarem inseridos em uma instituição escolar com regras e lógicas próprias, os feminismos jovens tomam contornos específicos e, nesse sentido, as formas que eles emergem disputam espaço e reconhecimento, estando em tensão com a organização escolarizada, ao mesmo tempo que negocia configurações e reestrutura essa ordem escolar.

A nova onda de jovens feministas e de conflitos geracionais ganham cores e tons próprios quando essas jovens estão na escola. De certa maneira, isso parece reconfigurar os campos de ação discursivos e aponta uma especificidade ao mesmo tempo que tais campos também tensionam e configuram a escola. Esse estudo busca contribuir para situar os feminismos na escola no movimento mais amplo de reconfigurações contemporâneas dos feminismos e, diante de um campo emergente ainda pouco explorado e da relevância do tema para os estudos feministas e educacionais, investigações futuras poderiam se debruçar sobre as especificidades de ser jovem feminista estudante. O campo de estudos feministas, sobretudo o de feminismos contemporâneos, pode se beneficiar do debate de temas que dizem respeito ao cruzamento entre feminismos, geração e escolarização.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Armazém de dados do Instituto Pereira Passos.** Disponível em <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

ADRIÃO, Karla Galvão; TONELI, Maria Juracy Filgueiras Toneli; MALUF, Sônia Weidner. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19 n.3, p 661-681, setembro-dezembro 2011.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **cadernos pagu**, [S.l.], p13-56, janeiro-junho 2014.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975. 315 p.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar**, Curitiba, n.24, p. 213-225, 2004.

GIOVANNI, Julia Ruiz Di. Jovens, feministas, em movimento: a Marcha Mundial das Mulheres no III Acampamento Intercontinental da Juventude. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.11 n. 2, p 655-660, julho-dezembro 2010.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 433-447, maio-agosto 2014.

IVENICKI, A & CANEN, A.G. (2016), **Metodologia da Pesquisa**: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.

MACHADO, Rosana Pinheiro; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Revista Ihu Online**, [S.I.]



2018. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/583354-da-esperanca-ao-odio-juventude-politica-e-pobreza-do-lulismo-ao-bolsonarismo>>. Acesso em: 12 de nov de 2018.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MATOS, Marlise. **A quarta onda feminista e o campo crítico-emancipatório das diferenças no Brasil**: entre a destradicionalização social e o neoconservadorismo político. 38º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, out. 2014.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RANNIERY, Thiago. Manifesto Beyoncé no currículo: a força da música e o brilho erótico do corpo que dança. In: PARAÍSO, Marlucy A.; CALDEIRA, Maria Carolina. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 199-218

RICOEUR, Paul. A marca do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n.10, p. 329-349, dezembro 2012.

ROCHA, Fernanda de Brito Mota. **A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital**. 2017. 136 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **cadernos pagu**, [S.l.], v.3 p29-62, 1994.

ZANETTI, Julia Paiva. **Jovens feministas**: Um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro. 2009. 87 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

ZANETTI, Julia Paiva. Jovens feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais. **cadernos pagu**, [S.l.], v. 36, p. 47-75, jan.-jun. 2011.

## **6. ANEXOS**

### **Anexo 1 - Roteiro utilizado nas entrevistas com jovens feministas**

- Por que feminismo na escola?
- Você pode contar um pouco como e quando esse debate começou a surgir na escola?
- O que vocês já fizeram? Pode contar de atividades?
- Como é a recepção da escola nesse processo (estudantes, professores e direção)?
- Como tem sido a experiência de ser jovem feminista estudante?

**Anexo 2 - Roteiro utilizado nas entrevistas com professoras feministas**

- Por que feminismo na escola?
- Você pode contar um pouco como e quando esse debate começou a surgir na escola?
- O que vocês já fizeram? Pode contar de atividades?
- Como é a recepção da escola nesse processo (estudantes, professores e direção)?
- Como tem sido a experiência de ser professora feminista?

### Anexo 3 - Assentimento para menor

#### ASSENTIMENTO PARA MENOR

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “Atuação estudantil de meninas na escola”, conduzida por Sônia Veprinsky Mehl. Este estudo tem por objetivo investigar as relações entre a atuação estudantil protagonizada por meninas e a instituição escolar.

Você foi selecionada por ser uma estudante do Colégio Estadual Frumka Plotnicka que tem interesse nas atividades que envolvem a atuação política de estudantes meninas na escola. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

A participação neste estudo envolve riscos mínimos, que são a possibilidade de desconforto e constrangimento ao responder a entrevista. Para minimizá-los, garante-se um local reservado e liberdade para não responder alguma pergunta que possa gerar incômodo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista dentro do Colégio Estadual Frumka Plotnicka, com duração média de 30 minutos. A pesquisadora responsável fará a entrevista e estará presente você e ela. As perguntas são sobre como e quando o debate sobre a atuação de estudantes meninas começou a surgir na escola, a recepção das pessoas e o que você acha dessas experiências. Haverá registro de áudio para fins de transcrição dos dados.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, da pesquisadora responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e de seu professor orientador, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Sônia Veprinsky Mehl, estudante de pedagogia da UFRJ. Rua Marquês de Pinedo, 70/501 - Laranjeiras - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [soniavmehl@gmail.com](mailto:soniavmehl@gmail.com) - Telefone: (021) 98795-3785.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique ao seu professor orientador, Thiago Ranniery, Faculdade de Educação, Av. Pasteur, 250, Palácio Universitário, - Praia Vermelha, 2º andar - Sala 204 - Urca - Rio de Janeiro - RJ, e-mail: [t.ranniery@gmail.com](mailto:t.ranniery@gmail.com) - Telefone: (21) 96991-8176.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome da participante menor: \_\_\_\_\_

Assinatura da participante menor: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

**Anexo 4****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Sua filha está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “Atuação estudantil de meninas na escola”, conduzida por Sônia Veprinsky Mehl. Este estudo tem por objetivo investigar as relações entre a atuação estudantil protagonizada por meninas e a instituição escolar.

Sua filha foi selecionada por ser uma estudante do Colégio Estadual André Maurois que tem interesse em atividades protagonizadas por estudantes desenvolvidas na escola. A participação não é obrigatória. A qualquer momento, ela poderá desistir de participar e retirar seu assentimento. A recusa, desistência ou retirada do assentimento não acarretará prejuízo.

A participação neste estudo envolve riscos mínimos que são a possibilidade de desconforto e constrangimento ao responder a entrevista. Para minimizá-los, garante-se um local reservado e liberdade para não responder alguma pergunta que possa gerar incômodo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes.

A participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista dentro do Colégio Estadual André Maurois, com duração média de 30 minutos. A pesquisadora responsável fará a entrevista e estará presente ela e sua filha durante a conversa. As perguntas são sobre como e quando a atuação protagonizada por meninas começou a surgir na escola, a recepção das pessoas e o que sua filha acha dessas experiências. Haverá registro de áudio para fins de transcrição dos dados.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de participação. A pesquisadora responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso concorde com a participação nesta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, da pesquisadora responsável. Seguem os telefones e o endereço institucional da pesquisadora responsável e de seu professor orientador, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos da pesquisadora responsável: Sônia Veprinsky Mehl, estudante de pedagogia da UFRJ. Rua Marquês de Pinedo, 70/501 - Laranjeiras - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [soniavmehl@gmail.com](mailto:soniavmehl@gmail.com) - Telefone: (021) 98795-3785.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com a pesquisadora responsável, comunique ao seu professor orientador, Thiago Ranniery, Faculdade de Educação, Av. Pasteur, 250, Palácio Universitário, - Praia Vermelha, 2º andar - Sala 204 - Urca - Rio de Janeiro - RJ, e-mail: [t.ranniery@gmail.com](mailto:t.ranniery@gmail.com) - Telefone: (21) 96991-8176.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de participação na pesquisa, e que concordo com a participação da minha filha.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Nome da estudante: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora \_\_\_\_\_

## **Anexo 5 – Transcrição das entrevistas**

### **ENTREVISTA 1**

**Nome: Claudia Ferreira**

**Estudante**

**Pq:** Entrevistadora: Por que feminismo na escola?

**En:** Então, não que eu não seja feminista, mas é uma ideia que eu não fui profundo. Eu não vejo assim “Nossa, preciso ser feminista” sabe? Eu nunca me aprofundei para saber mais desse assunto. Então, para mim, feminismo, machismo, o que acontece, acontece. Machismo é comum na sociedade brasileira. Mas feminismo já é uma coisa mais atual, então eu não sei tanta coisa.

**Pq:** Mas você acha que é importante, do que você sabe mesmo, ter esse assunto na escola?

**En:** Então, é legal. Nem tanto para as meninas, mas para os meninos também. Para eles lidar com aquela questão da igualdade.

**Pq:** Você consegue perceber quando que começou aqui na escola, a falar sobre isso?

**En:** Eu acho que na escola nem tanto, mas na sociedade já tem um tempo que as pessoas priorizam o tema, entendeu? Antes era uma coisa mais, como eu posso te falar, restrita. Agora já é uma coisa mais comum de se comentar.

**Pq:** Aham. Mas na escola você sente que tem, esse assunto está aqui na escola? Ou não muito?

**En:** Na maioria das vezes, não.

**Pq:** E quando está, aparece como aqui?

**En:** É diferente, chama a atenção, porque a maioria das vezes a pessoa não dá muita ideia para o assunto. Eu acho que, tipo assim, vai fazer uma palestra, feminismo, não vai aparecer muita gente, muita gente vai negar o assunto, não vai ter interesse, por isso que é um pouco abatido o assunto, ninguém comenta muito.

**Pq:** Então às vezes tem palestra?

**En:** Não, aqui sempre, tipo assim até em sala de aula, alguém faz um comentário, aí vai e debate e fica aquela coisa, entendeu? Até mesmo a questão do aborto, sempre é um comentário, sempre vem machista, feminista, entendeu?

**Pq:** E as pessoas, assim, quando acontece na sala, e tal as pessoas discutem?

**En:** Na maioria das vezes sim. Sempre tem aquela pessoa que defende seu ponto de vista e sempre tem oposição. Quem vê de forma diferente, a ideia.

**Pq:** Aham. E aí quando acontece essas coisas como é que os professores reagem?

**En:** Eles não reagem ((risos)). Na maioria eles ficam sem saber, porque tipo assim, não pode contar com ninguém, cada um tem sua opinião.

**Pq:** Eles ficam mais na deles então.

**En:** É, porque tipo assim, não tem como, tem que respeitar a opinião de um e de outro.

**Pq:** Mas eles poderiam, sei lá, cortar o debate, falar “não, não tem que discutir”. Ou eles deixam rolar o debate?

**En:** Não, sempre cortam! Porque se deixar, a coisa vai mais além.

**Pq:** Aham. E aí como você sente que os meninos se posicionam quando tem debates ou as palestras?

**En:** Ignoram. Isso é fato. Ignoram, de fato.

**Pq:** E as meninas?

**En:** Eu acho que... poucas se interessam, são poucas.

**Pq:** E como você sente que direção se posiciona?

**En:** Não, em questão disso, a escola tá de portas abertas. Se alguém entrar com ideia, eles vão aceitar. Nossa escola tem um recurso grande para esse tipo de coisa, tem um auditório ali. Se no dia que alguém “ah vamos fazer uma palestra e tal” quem quiser ir vai, entendeu? Eu acho que a escola está disposta a receber todos os projetos nossos. Basta os alunos querer.

**Pq:** Você consegue lembrar de algum momento específico de alguma atividade sobre esse tema que você sentiu que marcou assim?

**En:** Não diretamente no feminismo, mas na igualdade. Sempre tem debates em sala de aula e algumas semanas atrás teve uma palestra lá no auditório. Até sobre xenofobia, a história de um cara, que veio de outro país e tal e foi bem legal, o auditório estava lotado. Por incrível que pareça. E é isso.

**Pq:** E como é que você sente que é a experiência pra você de ser estudante e ser mulher?

**En:** Ai essa pergunta que eu não sei como te responder ((risos)) porque eu acho porque nunca aconteceu comigo. Eu não sei como eu agiria, entendeu? Então é uma pergunta que eu não sei responder, eu não faço noção. E é isso.

**Pq:** E tem alguma coisa que você quer falar mais?

**En:** Não.



**ENTREVISTA 2****Nome: Bartolina dos Santos****Estudante****Pq:** Por que feminismo na escola?

**En:** É, eu acredito que é necessário até pela educação mais dos garotos. Eu estou vendo muito isso agora no terceiro ano, não sobre feminismo, mas o comportamento dos garotos sabe, porque quando eu entrei aqui no primeiro ano tinha esse negócio de ai menina não pode usar calça legging porque os garotos não vão se segurar, já ouvi isso de uma professora de educação física. Então, para mim, o feminismo é necessário exatamente por causa disso, de não as meninas não poderem usar calça legging e sim os meninos aprenderem a respeitar as garotas independente de estar usando calça legging ou não. E quando eu digo que eu estou vendo essa presença do machismo mais no terceiro ano, é a minha turma, porque eu vejo que os garotos são machistas e preconceituosos, com brincadeiras. Então quando você como aluna e que faz parte desse movimento cobra de alguma forma ou tenta explicar e você um “ai eu estou brincando” ou “relaxa”, é muito chato você medir força com um aluno que é da sua idade né, e é muito difícil medir, então você sente falta de um professor explicando isso ou uma palestra onde esses meninos são convocados. Porque existe sim palestras falando sobre isso aqui na escola, já existiu várias e você vê tanto o grêmio quanto a direção buscando, mas é muito difícil as pessoas comparecer, e é isso que é o importante né.

**Pq:** Você consegue identificar mais ou menos como e quando começou ter feminismo aqui na escola?

**En:** Foi depois da ocupação, que teve no primeiro ano, que no caso foi em 2015, se não me engano. E que teve essa quebra né, porque antes não tinha tanta presença como tem hoje. Então quando teve a ocupação era exatamente isso, pedir as palestras, não só de feminismo, mas preconceito racial, homofobia, que o aluno tenha esse contato com esses determinados movimentos, sabe? Então eu percebi que foi bem depois da ocupação.

**Pq:** E como é que foi a reação das pessoas assim? Dos professores, dos alunos?

**En:** Assim, sempre tem... quando tem alguma palestra, ou coisa assim, infelizmente é em algum horário de aula de algum professor, nunca consegue abraçar todos os turnos ou todas as turmas. Mas você percebe que tem professores que não dão tanta importância para essas palestras, tipo que acha que não é necessária, porque a matemática é melhor do que isso. Não que seja melhor ou pior, mas tanto a matemática

quanto determinadas palestras são importantes para a construção de um aluno.

**Pq:** E aí você tinha falado que muitos alunos meninos também não vão quando tem?

**En:** Sim...

**Pq:** E as meninas, como você vê?

**En:** Não, eu percebo que o auditório, quando tem uma palestra assim tem mais garotas do que garotos.

**Pq:** Mas tem professores que você sente que compram a ideia, que estão puxando?

**En:** Sim, tem aqueles que compram e aqueles que não, que preferem a matéria dele, porque aquilo é mais importante que qualquer outra coisa.

**Pq:** Entendi. E você lembra e consegue me contar de atividades que já aconteceram, coisas que já fizeram?

**En:** Então, teve uma palestra ano passado, que falava sobre o feminismo e foi até polêmica, porque uma semana antes dessa palestra teve umas apresentações aqui na escola. E teve uma apresentação que eu apresentei que era danças e algo envolvendo a arte. E minha apresentação era uma dança da Beyoncé. E depois foi, cada turma publicava no Facebook seu vídeo e tudo mais e no vídeo meu e das minhas amigas dançando teve comentários do tipo assim “ah quando vocês saírem da escola não precisa nem estudar, vocês já sabem o que vocês vão fazer” tipo assim “ah a porta da boate tá aberta pra vocês” tipo assim ligando que uma mulher ela sendo sexy ou ela dançando ela é burra, ela não pode dançar e ser médica, ela não pode dançar e ter um cargo além disso sabe, além da arte. Então teve muito isso aí na palestra, eu estive presente e foi polêmica exatamente por causa disso, porque tocaram nesse assunto. E acredito que por isso foi tão simbólico para mim, porque para mim foi necessário e o que mais me atingiu foi que teve uma garota fazendo isso, uma garota falando que eu e minhas amigas poderiam ser prostitutas. E eu vejo que, eu não boto nem culpa nela, eu vejo que que é falta mesmo dessa informação, então nessa palestra ela foi, ela esteve presente e teve pessoas que sabiam sobre o assunto e que puderam mostrar para ela o que estava errado nesse pensamento dela e o que não estava.

**Pq:** Nossa, deve ter sido muito forte...

**En:** Sim, demais!

**Pq:** Essa palestra quem foi que puxou? Foi a coordenação, professores?

**En:** Foi o grêmio, junto com a direção. Aí veio pessoas de fora, veio, se não me engano, uma da PUC, veio... veio, se não me engano, alguém da PUC que trabalhava com direito né, nessa área e alguns professores, umas duas professoras que apoiavam, a de

sociologia daqui da escola e uma professora de inglês que apoiava também o movimento, até para os alunos se sentirem confortáveis.

**Pq:** Legal. Você lembra de mais alguma atividade?

**En:** Não, eu não me lembro, eu só lembro de outras conversas que tiveram, mas foi na época da ocupação né, que teve mais isso presente.

**Pq:** Tranquilo. Você sabe se tem algum planejamento de alguma coisa que vai acontecer ainda?

**En:** Não.

**Pq:** Como é que você sente que tem sido essa experiência pra você, de ser estudante, não sei se você se considera feminista, mas ser estudante e mulher?

**En:** É, eu digo muito que o feminismo é meu estilo de vida, porque eu acho que até, sei lá, até eu ficar velha eu vou estar estudando sobre isso. Porque querendo ou não, é um assunto que envolve outros assuntos que são complexos na nossa sociedade, que querendo ou não são tabus como a menstruação, a legalização do aborto... e eu gosto, é uma coisa que eu me sinto incluída, não me sinto excluída da sociedade, porque quando eu era menor, era aquela história né, da garota querer ter aquela liberdade que o homem tem mas como não sabe ainda por ser criança falar “ai eu quero ser garoto”, é uma coisa simples, mas que faz total sentido quando você cresce e começa a pesquisar sobre isso. O feminismo traz, eu vejo que o feminismo traz mais informações pra mim, como pessoa, como mulher, na sociedade.

**Pq:** Tem mais alguma coisa que você quer me contar, quer falar?

**En:** Ah acho que não, eu só, mas foi o que eu falei no começo da entrevista, que eu só sinto falta de, desses garotos, ou até garotas também, que necessitam dessa informação comparecer, sabe? Porque é muito triste você ver garotos da sua idade com pensamentos tão retrógrados sabe e é muito, é pior ainda quando se tem a devida informação mas parece que a pessoa tapa os olhos e os ouvidos sabe, com a galera tão jovem. É isso!

**ENTREVISTA 3****Nome: Dandara dos Santos****Estudante**

**Pq:** Me conta, porque feminismo na escola?

**En:** Cara, questão assim, agora me veio à memória, questão de tipo, vou dar bem detalhista, por exemplo, fila da merenda da escola, são divididos tipo homem e mulher. E feminismo, obviamente, é questão de igualdade. E antigamente era tudo junto entendeu. Só que tinha aquele empurra-empurra, e obviamente era de quem? Dos homens. Dos meninos. E obviamente eles são mais fortes. E isso causava muito contrito, tipo várias meninas iam lá na direção reclamar, falando “ah tão empurrando” e sempre vinha dos meninos e eles nunca aceitava falando que não era eles. Então o inspetor teve a ideia de separar, fila menina e fila menino. Tipo, eu achei que poderia ser igual, até porque né, eu concordo muito com o feminismo. Agora poxa, maturidade, né? E isso vem muito do terceiro ano, eu acho isso incrível isso vir do terceiro ano, de gente mais velha. E é isso, tipo, de igualdade nessa parte aí. Agora outras não vem a memória não, desculpa.

**Pq:** Não, tranquilo! E se vier no meio do caminho também, não é uma coisa assim certinho. A ideia é entender isso. Mas você consegue perceber como e quando começou esse movimento aqui dentro?

**En:** Acho que sempre, desde sempre. Obviamente, da direção e das merendeiras sempre foi uma fila só, não duas, só para elas terem mais ou menos como seriam, quantos pratos e tal e sempre foi assim. Só que conforme esse movimento que teve de insultos, empurra-empurra, machucar, “vamos separar então. Vamos separar”. Aí teve essa questão de separar, menino e menina.

**Pq** Mas você acha que essa, coisa da fila, deve ser separado ou não?

**En:** Não, não deve ser separado. Acho que deve ter maturidade entendeu, dos dois lados.

**Pq:** E quando você acha que esses debates sobre feminismo, ou atividades sobre feminismo, começou aqui na escola?

**En:** Como assim?

**Pq:** Falar sobre feminismo, sobre igualdade entre homens e mulheres, ter atividades sobre isso...

**En:** Começou em atitudes, de pessoas, tipo ah eu posso fazer tal coisa? E o menino “não, porque eu sou homem” e isso e aquilo. Não. Entendeu? Poxa você não é ser

humano? Independente de você ser homem ou mulher, você é um ser humano, então eu tenho a mesma igualdade, entendeu? Então isso começou a gerar aqui dentro, porque poxa ser humano, você é um humano igual a mim, você é aluno entendeu, a única diferença é de sexo, você é um genital e eu tenho outro, entendeu? É sobre isso.

**Pq:** E você sente que quando vocês falam isso, quando vocês trazem isso, como é que é?

**En:** Nossa! Eles ficam falando que a gente é vítima, que a gente isso - só que o problema de entender o que é feminismo é achar que feminismo é a mulher está no poder, e não é. É os dois estarem no poder! Os dois terem igualdade, entendeu? E quando a gente comenta sobre isso feminismo, e o quanto a gente é atacada na rua por homem escrotos - desculpa a palavra - e... é horrível cara, você passar por isso e você ter que ficar calada, porque ele é um homem. E ele tem mais força que você, entendeu? Você é totalmente atacada por isso e “ai, é vítima, está de frescura, está disso e e aquilo” e não é, a gente quer igualdade. Você é ser humano, eu sou ser humano, entendeu. Pra mim feminismo é isso, você ser ser humano e igualdade para todo mundo.

**Pq:** Isso que você está falando é a recepção dos meninos, que eles têm essa...

**En:** Sim, e tem mulher que parece que se coloca no lugar do homem e fala tipo “ah, tá de frescura também”. Eu era assim! Eu falo isso porque eu era assim. Aí quando eu comecei a prestar atenção à minha volta, de como eu presenciava tudo aquilo, falei “realmente, a gente sofre muito por ser mulher”, entendeu?

**Pq:** E como é a recepção dos professores e professoras com esses temas?

**En:** Aqui na escola?

**Pq:** É.

**En:** Apoiam. Pelo o que eu conheço assim, apoiam. Tem uns - eles não falam nada - alguns que não falam, mas com o olhar você conhece ver sabe, consegue ter noção, mas aí você vai tipo, é aquela questão, vira muito debate isso. Eu não gosto muito de debater não sabe, se a pessoa me pergunta eu falo é isso isso e isso. Opinião minha, você tem a sua. Mas eu acho que se a gente pensar junto, a gente vai chegar em um acordo igual para todos, entendeu?

**Pq:** E da direção, como é que você acha que é?

**En:** Eu nunca perguntei assim, nunca tive, mas acho que em relação à direção, sempre teve esse apoio feminino como nunca teve antes, entendeu. Se você for ver, nesse tempo agora, o feminismo está mais empoderado, do que antigamente. E eu acho isso muito bom.

**Pq:** Quando tem atividade assim, que eu vi que teve uma roda de conversa, às vezes tem umas atividades, né?

**En:** Sim, às vezes eu não posso ficar que eu tenho que, eu tenho que ir pra casa, tenho Igreja pra ir. Mas as pessoas me falam sobre isso, sobre a conversa. Porque tudo não é conversa, “ah é debate é briga”, não é gente! É questão de conversa. Se você conversar, você vai ver que a gente sofre muito na rua, que o homem nem te conhece e fica te assoviando, te chamando de gotosa de isso e aquilo e você não gosta disso! Aí que que você faz? Você finge que não é com você, mas você que é com você, e isso é chato, sabe? Bem complicado...

**Pq:** E você consegue lembrar e me contar algumas atividades que já rolaram aqui na escola sobre esse tema?

**En:** Filme. Um filme que a gente viu sobre machismo e feminismo. Que o cara não deixava... em um país, eu não lembro o nome agora, que ele falava que estava procurando a mulher que idolatrasse ele, que fizesse tudo pra ele, e ele achava isso normal, e a mulher achava isso normal. Por dentro dela você via, pelo olhar dela você via, que não era normal, mas ela acaba se acostumando porque era aquela a cultura do país dela. Pra você ver que machismo é uma cultura e ela falava que idolatrava. Aí quando ele conseguiu conquistar ela, ele falou assim “agora ela me idolatra, ela faz tudo que eu quero, e ela não sai de casa” e eu “ah” gente, eu vi aquele filme, várias pessoas vítimas chorando, eu fiquei cara agora tem o contrário, tipo, falou muito sobre amor. Cara, nossa é muito lindo, tipo, eu não lembro muito do filme, mas é muito lindo, tipo, você ver homem e mulher conversando sobre feminismo e entrando em um acordo, vendo que são duas pessoas diferentes mas são seres humanos. Entendeu?

**Pq:** E depois do filme rolou, vocês discutiram e tal, como foi?

**En:** Não, porque logo bateu o sinal. Aí a gente teve que ir embora. Mas debateu na semana seguinte na sala, com o professor de português. Deu uma repercussão. Porque os meninos não gostaram, falaram que era frescura, que era isso e aquilo. Teve uma... uma coisa que aconteceu recentemente agora. Essa semana. De um menino ter agredido uma menina.

**Pq:** Aqui na escola?

**En:** Aqui na escola. Não, eles são daqui da escola, só que agrediu em outro lugar. E tipo, são tudo de comunidade. Eu conheço eles. Acabou que quando ela falou, colocou um texto no Facebook falando que ele bateu nela, ele também colocou que ela bateu nele. Eu falei “cara, vamos ver a questão do feminismo aí”. Eu não posso também só

defender a mulher. Muitos me julgam por essa opinião, mas tipo assim olha só: se é questão de igualdade, eu vou ter que ver os dois lados. Quem errou, mulher ou homem? Os dois, os dois erraram. Bateu? Bateu. Então, os dois erraram. Não é só tipo defender a mulher, se é questão de igualdade, vamos defender os dois? Vamos ver um acordo, uma opinião entre os dois? Então vamos pensar. E as meninas “não, mas você está defendendo ele”. Não, eu não estou defendendo ninguém, eu estou vendo os lados de cada um. Porque imagina, eu ver, só por eu ser mulher, eu ver o lado só da mulher, e não ver do homem? Poxa, ele deve ter razão. Sabe? Aí depois eu descobri que ele só empurrou e ela estava batendo. Ele só empurrou. E nisso que ele empurra tipo tem aquela força de empurrar e fica marca, certo? Então não foi questão de agredir, foi questão de você se defender. Ele não se defendeu batendo, ele se defendeu empurrando, entendeu? Então tem essa questão também.

**Pq:** E esse caso chegou aqui na escola?

**En:** Sim, porque eles são daqui. Não, só ele é daqui, ela é de outro lugar.

**Pq:** Ele é daqui mas a escola, enquanto instituição, fez alguma coisa?

**En:** Então, no caso eles foram na boca. Sabe, o que é?

**Pq:** Aham.

**En:** E aí, eu não sei o que que houve depois, foi bem, cara, tentando entender, porque eles não chegaram num acordo sabe? Ela já foi tomando providências, tipo ir lá. Poxa beleza, ela ter ido na polícia, ter feito corpo de delito, beleza, beleza amém, só que na boca poxa ela quer machucar ele de verdade. Porque sabe como os bandidos são, entendeu. Então, fico pensando assim, cara não tem necessidade disso. Sei que ela quer lutar pelos direitos dela por ser mulher, mas luta direitinho.

**Pq:** Ela não é da escola?

**En:** Não, é o menino.

**Pq:** E algum professor, direção, falou com ele e tal?

**En:** Eu acho que ainda não chegou na direção não. Porque não aconteceu aqui entendeu, aconteceu na área, mas é aquela coisa tipo fui muito criticada pela essa opinião minha de pensar nos dois lados, eu falei “cara, você não tem que ver só o lado da mulher” o lado do homem também, não é igualdade? A gente não prega tanto igualdade, feminismo não é isso? Então, igualdade entre os dois. Claro que o homem é mais forte que a mulher, isso é óbvio. Entendeu? Mas é questão de igualdade, vamos ver os dois lados? Quem tá errado, quem tá certo? Os dois estão certos? Os dois estão errados, entendeu? É isso que eu penso.

**Pq:** Tá, você me contou do filme, que eu te perguntei né, se você lembra de atividades, coisas que aconteceram sobre feminismo, você lembra de mais algum que você quer contar?

**En:** Cara, tipo que aconteceu lá na minha sala, foi só essa conversa depois daquele filme, que o professor tinha passado, ele perguntou que a gente achava, nossa opinião e tipo o ruim é que quando a gente dá uma opinião a pessoa não aceita. Independente se minha opinião for contra sua. Tipo, você prega sobre feminismo e ele é totalmente machista. Eu falei “beleza, vamos conversar?” Vamos conversar. É aquela questão de conversa, não é você tipo “ai porque mulher isso e aquilo, é porque mulher você é forte e tal”, não é questão disso entendeu, só isso.

**Pq:** E como é que você sente que tem sido pra você essa experiência de ser estudante, mulher, feminista?

**En:** Cara, hoje em dia está pesado, porque quanto mais o feminismo está se empoderando, mais o machismo aparece. E machismo é aquela coisa tipo “ah você tem que estar dentro de casa, você tem que varrer, você tem que ficar dentro de casa” e eu não acho isso. Eu acho que tanto o homem tem que viver sua vida, fazer faculdade, fazer curso fazer isso, quanto mulher também. Entendeu? Então, como eu falei, quanto mais o feminismo quer se empoderar, ter igualdade do homem também, em questão de estudos, faculdade, se virar sozinha, não é só porque você tem que casar que você é totalmente dependente do cara. Porque imagina se vocês separam? Vai ficar com que dinheiro, entendeu? Então aquela questão de viver a vida, de fazer faculdade, fazer seus sonhos, e não se limitar na questão do machismo, porque mano, é complicado. É muito complicado viver. Tipo, minha mente era limitada em questão disso, em questão de “ai eu tenho que ficar em casa, eu tenho que ser uma menina recatada”. Eu sou cristã, então não que eu sempre defendi, mas eu sempre vivi - eu não vou viver dentro de casa somente varrendo, lavando louça, fazendo comida pra ele. Eu quero que os dois façam isso. Os dois trabalhem, os dois estudem, os dois lavem os pratos “Ó, hoje é teu dia de fazer comida. Beleza, hoje é teu dia, hoje é meu dia” acabou. É questão de conversa, entendeu? E hoje em dia é bem difícil de acontecer, por isso que muita mulher é agredida, porque quando a mulher se empodera, o homem ele “poxa, estou ficando para trás, não posso ficar para trás” Entendeu? E machismo é isso... Coisa mais ridícula da minha vida ((risos))

**Pq:** ((Risos)) Tá, você está me contando o que é ser mulher e feminista. E o que ser mulher, feminista e estudante? Como você sente que é isso pra você?



**En:** Ainda sinto aquele, sabe o olhar tipo de desprezo, “ah você é mulher, daqui a pouco vai sair daqui do ensino médio, acabou, você vai ficar dentro de casa, varrendo, acabou”. Ainda você sente a opressão dentro da escola, o olhar, sabe? É meio constrangedor. Até em faculdade você deve ter né? É bem constrangedor. Mas quando o homem ele vê uma mulher bem informada, ou ele sente orgulho ou se sente inveja, é um desses dois, porque mulher é igual homem gente, em questão de ser humano, é estudar, é isso. Aí. É isso que eu penso ((risos))

**Pq:** Tem mais alguma coisa que você quer falar?

**En:** Eu nem sabia que eu ia falar isso tudo, menina! ((Risos))

**Pq:** ((Risos)) Eu achei muito lindo, de verdade. Minhas perguntas acabaram, mas você quer falar mais alguma coisa?

**En:** Não, acho que mais não.

**ENTREVISTA 4****Nome: Jyoti Singh**                      **Estudante****Pq:** Me conta, porque feminismo na escola?**En:** É muito importante. Assim, na nossa sala mesmo, a grande maioria os meninos são extremamente machistas e homofóbicos. E a gente tenta desconstruir, mas não adianta muito né porque a gente tem praticamente a mesma idade. Mas a gente tenta. E, tipo assim, dá pra ver que eles não querem mesmo, sabe, é falta de interesse, porque informação hoje em dia, desculpa mas “ah não tenho informação”, tem. Tipo, é difícil, mas é extremamente necessário.**Pq:** E quando você acha que começou essa coisa de ter feminismo aqui na escola?**En:** Assim, o que eu vi que veio com muita força, foi esse ano. Esse ano que realmente veio com muita força, mas desde o ano passado que tem apresentações de inglês e de espanhol. Aí acaba tendo apresentações e tal e o ano passado teve turmas assim que apresentaram - as meninas né - apresentaram coisa mais sensual e tal, quebra de tabus, e as pessoas ficaram “ai meu deus!” Aí acabou que gerou muita polêmica e tipo meio que ficou esquecido depois da polêmica. Aí esse ano está vindo com mais força porque estão fazendo mais projetos, palestras essas coisas assim, entendeu?**Pq:** E como você sente que está sendo a reação das pessoas em relação a isso?**En:** Eu estou achando positivo, assim, mais em relação às meninas. Tem muita menina assim que tinha muito preconceito, até com elas mesmas, muito sabe assim. Porque assim, eu sou de uma família evangélica. Então eu cresci em um meio evangélico que é extremamente assim rigoroso sabe de roupa, de estilo de vida e assim tem meninas também que são desse meio e estão começando a abrir a mente, como eu também, e tem muitas meninas também pelo fato da criação mesmo, dos pais serem muito... conservadores e tal, e elas estão começando a se achar nesse meio, entendeu, aí está mais, está sendo mais, importante, por isso.**Pq:** Aí elas estão recebendo bem -**En:** Sim, sim muito bem. Muito bem. Tanto questão de feminismo como questão de homofobia, está incrível.**Pq:** E a reação dos meninos, você falou que/**En:** Eles ainda, sei lá, parece que eles estão no processo sabe assim, porque os meninos são muito bobões para idade sabe? Eles ficam fazendo piadinha e tal, são poucos meninos que se destacam pela maturidade, mas a maioria leva isso mais na brincadeira e tal. Mas não deixa de ser um meio de tentativa né, de desconstrução.

**Pq:** E os professores, como é que você acha?

**En:** Ai eu não, porque eles são muito fechados assim, pelo menos os que dão aula para a gente são muito fechados. Só os que são mais de boa são os de apresentações né, inglês e espanhol. Aí eles são bem, mas o resto, eles preferem não opinar sobre.

**Pq:** Que já é uma forma de se colocar né?

**En:** É, exatamente.

**Pq:** E a direção?

**En:** Eles são totalmente abertos às nossas opiniões, o que a gente acha certo fazer e eles apoiam. Super apoiam.

**Pq:** E você consegue me contar, lembrar, de atividades que tiveram sobre esse tema?

**En:** O mais recente foi as apresentações, teve sobre depressão, aí foi bem forte sobre depressão, teve sobre homofobia também, que foi bem forte, eles apresentaram, tudo meio que junto sabe, aí teve um menino, maquiaram um menino, ele é homossexual, fizeram maquiagem nele e eles dançaram, e foi lindo cara tipo assim eles apresentaram uma lésbica e um menino homossexual assim que foram mortos. Um foi morto pelo pai e a outra se matou entendeu? Pela questão da sociedade hoje em dia. E tipo, deu para sair de lá (+) quem não tem essa consciência, deu para sair de lá pensando duas vezes sabe?

**Pq:** Aham. E sobre feminismo, você lembra alguma atividade que teve?

**En:** Também. Assim, direto, a gente assim, a maioria, tipo parece que em cada turma parece que tem uma representante mais forte sobre feminismo sabe, e eu vejo que isso está cada dia tomando uma proporção maior assim, porque tipo lá na sala direto, aconteceu alguma coisa machista aí já vem as meninas e botam em cima e a gente fala mesmo e começa a debater e também as apresentações. Assim, nos quadros, falando sobre. E falando ou porque sobre e o que que é entendeu, assim, tem bastante, bastante. Tanto em apresentações de trabalho como assim, da gente mesmo, comunicação, falando com as pessoas e tal.

**Pq:** E você sente que tem pessoas que tem (+) essas apresentações de trabalho foi uma professora que organizou né?

**En:** Isso.

**Pq:** E outras coisas que acontecem, quem é que organiza?

**En:** O grêmio, nesse caso eles estão bem presentes assim. Porque quem está, quem é da formação do grêmio meio que tem tipo um está representando cada sabe porque tem lésbica, tem gay, tem gente tipo evangélica tem sabe? É cada representação. Então como

eles se juntaram, aí eles meio que estão dando voz para a gente sabe?

**Pq:** E aí eles organizam-

**En:** Organizam.

**Pq:** Tipo o quê?

**En:** Trabalhos assim, nos quadros, e às vezes eles fazem palestras, esse tipo de coisa. No grupo mesmo da escola de vez em quando eles colocam uns negócios assim. Eles são bem abertos.

**Pq:** E aí essas atividades, é aquele tipo de recepção que você falou né, tem menina que se empodera, tem menino que-

**En:** É, que fica meio assim.

**Pq:** E os professores que não-

**En:** É, eles preferem não se pronunciar, grande maioria. Mas eles assistem, alguns assistiram as apresentações e gostaram e tal.

**Pq:** E como é que você sente que tem sido para você, essa experiência de ser mulher e estudante e feminista ao mesmo tempo?

**En:** Ai, é muito assim... Agora, não está muito muito complicado porque não é uma coisa muito assim visível, mas eu fico pensando e quando eu precisar entrar na faculdade? E como é que vai ser? Porque aqui já, entendeu, já é meio difícil, imagina... sabe, com realmente, pessoas adultas que tem realmente opinião formada, porque se você não tem opinião formada vai todo mundo "ai" brincou, vai brincar também. Aí eu fico pensando isso sabe, como vai ser difícil e que a gente tem que se preparar. Para sabe, tudo bem, a sociedade está se desconstruindo mas tem muita gente que tem opinião muito forte sabe, que bate de frente mesmo e a gente tem que estar preparado pra tudo.

**Pq:** Tem mais alguma coisa que você quer falar, comentar?

**En:** Não, está tudo certo.

**ENTREVISTA 5****Nome: Luisa Mahin                    Professora**

**Pq:** Me fala um pouco por que trazer o feminismo pra escola.

**En:** Ó, trazer o feminismo pra escola, é assim, eu acho que é obrigatório. Porque, como eu já tinha dito para você, a gente hoje como mulher tem muito de feminismo, porque a gente teve mulheres que deram a vida pela gente, deram muita coisa, sabe, para a gente estar aqui hoje. Mas eu acho que como a gente tem uma sociedade que é regida pelo patriarcado, ele está chegando para a gente e dizendo que o feminismo é ruim. Claro que ele vai dizer isso, o feminismo é ruim para ele, para tirar privilégios que os homens têm que é o que a gente quer com direitos iguais, que a gente não quer tirar privilégios, a gente quer os mesmos direitos. Mas, o que acaba acontecendo é uma desigualdade, então os homens têm privilégios em cima da gente e o que a gente quer é equiparar isso, porque não tem nada a ver você separar as pessoas em termos de gênero, né. E aí eu acho que na escola essa galera jovem tem que ouvir sobre isso, tem que pensar sobre isso. Eu acho que eles fazem muita coisa, da vida deles, do entorno deles, da comunidade deles, da onde quer que seja, que é deturpado. Que já é uma visão de feminismo que não é o feminismo. Eles já trazem também aqueles ícones feministas que são aquelas mulheres que no fundo não estão falando sobre feminismo né, estão dizendo que estão. A gente nesse caso tem uma deturpação de lugar de fala né, dessas mulheres, que não é isso. E aí a gente, como professora, especialmente como professora né, como mulher, a gente sabe que a gente tem uma responsabilidade social aqui. Então eu não posso, eu me sinto, eu me sentiria muito mal se eu me desligasse dessas coisas sabe. Agora assim, eu também não vou mentir pra você, às vezes eu tenho medo. Esse projeto Escola Sem Partido assusta, porque ainda que ele não passe, a semente está ali sabe, e eu tenho muito medo sim de as vezes falar alguma coisa e ter alguém gravando e depois mostra pra sei lá quem e esse sei lá quem e eu vou parar na internet e acabou minha vida sabe, acabou minha carreira, acabou tudo. E isso tudo por uma coisa que você fala né, porque no fundo você não está falando nada para machucar ninguém, você está falando uma coisa que é para mostrar para as pessoas “olha, desigualdade existe e a gente precisa chegar uma diminuição dessa desigualdade para conseguir chegar na igualdade”. E aí eu acho que feminismo está dentro disso e dentro de vários outros temas, mas a questão do feminismo é que a gente precisa entender que feminismo é igualdade e eu acho que eles não entendem isso. Então, quanto mais a gente trazer isso para escola,

quanto mais colegas trouxerem isso pra escola, mas eu acho que a gente vai conseguir construir um ambiente aqui na escola que seja um ambiente seguro, que seja um ambiente de debate mesmo, né. A escola não é o espaço de reprodução do conhecimento acadêmico. A escola é um espaço autoral também. É isso que eu quero trazer aqui.

**Pq:** E você pode contar um pouco como e quando esse debate começou a acontecer aqui no colégio?

**En:** Olha, eu entrei aqui no final de 2014. Aí 2015 foi o meu primeiro ano letivo completo aqui na escola, eu tinha os horários todos zuados, eu trabalhava a noite mas assim, era um tempo terça, 50 mil tempos não sei quando, então era uma coisa meio louca. Mas aí foi em 2015 que eu comecei a trabalhar feminismo em aula de língua inglesa. Aí em 2016, eu trabalhei com a Chimamanda Adichie, aí eu levei também o “We should all be feminist” sempre trabalhando com a língua inglesa. Porque no fundo, o que eu faço, me respaldo fingindo que e estou dando uma aula de gramática e aí depois eu puxo pra discussão, para o debate mesmo, e aí se alguém também for falar qualquer coisa eu vou dizer “ué, mas eu estava ensinando *past simple*” sabe? Infelizmente a gente tem que fazer isso, porque eu sei muito bem que tem colegas aqui que acham que não, que a parada é currículo mesmo, que acham que a gente falar dessas coisas está tirando a chance de alguém de, sei lá, fazer uma questão no ENEM, sabe? E são coisas que eu prefiro nem debater, só fico na minha mesmo e dificilmente você vai me ver tratando com um colega sobre uma coisa que eu fiz em sala, só se for um colega que eu confie muito sabe, porque eu tenho medo de ouvir certas coisas, porque eu não tenho mais paciência. E aí aqui na escola, eu não sei direito quando apareceu, mas eu sei que tem umas colegas aqui, eu até suspeito de quais sejam que chegam e tem propostas de fazer cartaz, eu acho que você deve ter visto no segundo andar, eu até me surpreendi também... E aí eu já começo a achar legal que poxa, talvez alguma coisa que eu já possa tirar da sala de aula, talvez a galera já vai saber que eu também faço e já vou fazendo isso. Mas eu posso te apontar que foi quando mudou a direção, realmente a escola se sentiu à vontade para fazer certas coisas. Quando a gente tinha a direção antiga não dava não. Era muito assim, eles nunca te diziam não, mas também nunca diziam sim, sabe. Aí era basicamente um tapinha no ombro e nada mais seria feito. E aí quando mudou a direção não, aí a gente podia levar as ideias, a gente começou a ter a escola assim um pouco mais consciente, crítica, que é o que a gente quer. Foi logo depois da ocupação, basicamente.

**Pq:** Mudou a direção depois da ocupação?

**En:** Foi, basicamente. Teve a ocupação, aí acabou a ocupação, a direção antiga já não estava mais, nunca entendi essa história, nunca perguntei também. Mas adoraria saber, até vou tentar descobrir. Aí teve eleição, no final do ano da ocupação. E aí que entrou a direção nova, uma direção nossa, da comunidade escolar. As duas chapas basicamente, a outra nem tanto, mas essa que está é da galera que sempre teve aqui, sabe. Aí isso que eu acho importante também, não tem como a gente ter uma gestão que não entenda a escola. E eu acredito que a Frumka Płotnicka sempre tenha sido essa escola em que os alunos sabem que eles podem fazer essas coisas, sabe. Por isso que, sinceramente, eu estou super feliz de estar aqui em cima, deles estarem me fazendo isso e ver que outras turmas também estão fazendo sabe, eles não precisam de ninguém mandando. Essa turma não está com ninguém aqui sabe. E só precisam disso. Aí eu acho que é aquela história, existe vida na escola pública e existem debates.

**Pq:** Você me falou um pouco como você faz essa coisa do feminismo, você sabe me dizer como que as alunas têm feito?

**En:** Na verdade, não. Até quando você me perguntou eu fiquei caçando na minha cabeça tipo cara, será que eu estou tão pouco envolvida, será que elas não estão fazendo? Eu acredito que seja mais fácil eu estar pouco envolvida, também não sei até que ponto elas também não têm o mesmo medo que eu, né. Então não sei assim. Eu acho que eu tenho muito aquela pegada de tipo se alguém vier até mim eu vou ser super fofa e vou conversar, mas eu não vou atrás de ninguém porque eu acho que eu tenho um pouco de medo. Depois sei lá sabe, vão ficar falando que eu estou atiçando algumas coisas, a pessoa (+) Quando você quebra uma tradição, quando você quer virar e mostrar “olha só, essa sua tradição é excludente” lascou cara, parece que você está mexendo com a mãe da pessoa sabe, um troço muito louco. E eu realmente tenho muito medo sabe, eu estou basicamente em início de carreira, eu estou completando meu quarto ano completo sabe, estou chegando no último ano que os autores falam que é - esses primeiros cinco anos da formação - eu tenho medo sabe, realmente eu tenho medo (+) acho que a galera está muito sem noção, ainda mais agora nesse período de eleições, uma turma muito ensandecida. É a parada do tipo, eu pensar em usar um adesivo e não querer usar, porque eu acho que eu posso levar um soco na rua. Aí eu nunca fui realmente atrás das alunas nesse ponto. Mas também não sei te dizer se tem (+) O João acho que saberia.

**Pq:** Quando você faz essas atividades, como você sente que é a recepção dos alunos e das alunas?

**En:** Olha, esse ano eu só realmente falei sobre feminismo mais abertamente com a turma que vai fazer o tema feminismo. Porque na verdade, eu tentei me esconder dessa forma também sabe. Eu passei o trabalho, me fiz meio de morta na hora de falar os temas, mas pelo o que eu estou vendo, o andar da carruagem, a recepção está sendo muito melhor do que eu esperava. Eu acho que eles tão muito mais abertos do que o que falam pra gente que eles tão. E aí você descobre que no fundo que quem está fechado é quem é mais velho, os mais novos não estão tão fechados assim. E eles não tem muito uma pessoa que chegue pra eles e proponha a conversa. As pessoas, geralmente quem é mais tradicionalista só chega e fala e acabou, não tem mais essa.

((Uma aluna tira dúvida com a professora))

**En:** A recepção, eu diria para você, que é muito melhor do que eu esperava, sabe de verdade. Agora assim, fazendo uma *mea culpa*, pra esse trabalho em específico eu não consegui sentar realmente em sala, fazer uma roda e conversar sobre o tema, porque eu fiquei também preocupada com o currículo, né. Que eu só tenho uma aula por semana, dois tempos por semana, e aí eu estava percebendo, assim, ao longo desses anos, que quando eu trabalho algumas coisinhas eles conseguem, por exemplo, ler melhor sabe tipo aí eu pensei “pô eu acho que eu vou aproveitar também essa chance”, vou pegar agora que eu estou trabalhando um pouquinho menos né, tenho um pouquinho mais de tempo livre e fazer um planejamento todo amarradinho. Aí acabou que eu pensei “bom, em relação ao trabalho eu vou conversando com eles aos poucos”, mas esses aos poucos nunca rolou, sabe. Quem me salvou foi essa colega, que eu vou te apresentar, então o que eu posso dizer mais por impressão do que por realmente ter visto, por ter registrado pra mim: a recepção é muito melhor do que eu estava esperando, quando eles pegaram racismo também a parada foi super madura sabe na hora eles falaram “não existe racismo reverso” sabe eles mesmos já têm noção de muita coisa. E aí eu pensei “cara, no fundo eles tão aprendendo com eles mesmos” sabe porque eu não acho que eu seja o (incompreensível) do conhecimento ali naquela sala, sabe? Todo mundo ali tem uma coisa pra construir e eu pensei “bom, talvez isso fique mais na cabeça deles se eu virasse e propusesse alguma coisa”. Mas eu pretendo sim, depois das danças, fazer aulas sobre isso e aí se você também quiser saber depois, ou se quiser acompanhar posso combinar com você. A de feminismo vai ser na terça nos dois últimos tempos, até 12h aí depois se você quiser eu te dou uma data e aí você acompanha o debate. Porque eu também vou querer saber o que vocês aprenderam com isso, como é que vocês entenderam o processo de significação, sabe? Porque a dança do feminismo mesmo tá



muito em igualdade no sentido de: os meninos também rebolam, sabe tá nesse nível, coisa mais assim... Só que eu também não sei até que ponto eles vão eles vão deixar isso um pouco mais sério sabe, vou descobrir mais coisa hoje.

**Pq:** Como é que tem sido pra você, enquanto professora, essa experiência, de trazer feminismo pra escola, pensar nisso?

**En:** Olha, as vezes é meio desgastante. É mais desgastante do que prazeroso. Porque eu sinto muita resistência dos colegas. Menos dos alunos, mais dos colegas, sabe? E aí tem uma hora que você fica meio constrangida, sabe. Tem uma hora que você acaba sendo alvo de alguns comentários e você sabe que são pra você e o pessoal está falando que você não está dando aula, sabe. E aí você fica meio poxa, você tá ali, mega achando que você tá fazendo um bem no fundo... a gente ainda tem que mudar muita coisa da mentalidade da escola tradicional, isso aqui é o século XIX, quando você entra aqui você tá no século XIX, quando eu vejo as coisas que a gente tenta fazer, eu vejo a gente como um vanguardista no século XIX, mas... a gente não está no século XXI aqui, é uma máquina do tempo isso. Mas assim claro que é desgastante, eu também sou um ser humano, às vezes eu fico de saco cheio, mas eu não deixo de tratar. E tem também aquelas coisas que, pra gente falar de feminismo a gente não só precisa teorizar o feminismo, a gente precisa viver isso, né? Então eu não deixo nenhum comentário em sala, sempre, se eu vir algum comentário mais machista, se eu ver eu vou falar, eu não vou deixar passar. Se eu começar a perceber assim que ali é uma coisa opressora mas que eles já ressignificaram, e transformaram isso em piada, eu olho feio, pra tentar entender também, para não chegar falando besteira. Mas eu acho também que tem a questão das atitudes. Eu sempre tento pesar minhas atitudes dentro dessa coisa, porque se eu quero ser um modelo eu tenho que ser um modelo. Eu não posso chegar e fazer besteira e falar para eles fazerem outra coisa porque eles não vão fazer, você é um exemplo né, eles vão te olhar desse jeito independente do que aconteça você é uma pessoa que vai ser um modelo pra alguém ali sabe. Então a gente tem que ter atitudes que condizem com a nossa prática, e com a nossa teoria também. E a única vez que eu realmente falei alguma coisa foi quando a gente teve mostra de curtas, aí foi na parte LGBT. Ai no fundo o que tinha acontecido: era uma moça que trabalha aqui na escola, não sei qual é a função dela. E uma aluna. E a aluna estava falando coisas certas e a moça meio que (incompreensível) aí peguei uma fala e falei não dá, pera aí sabe a gente está em uma posição de autoridade, vai ficar desautorizando ainda para falar uma coisa errada sabe? Aí eu não deixei, eu tretei um pouquinho. Mas eu costumo não fazer isso,

eu não gosto de me envolver em conflito, eu gosto de conversar sabe? Só que não é todo mundo que conversa, principalmente quem tem uma pegada mais tradicional não conversa. A gente que é taxado de não saber ouvir, mas é totalmente o contrário, a gente ouve o tempo todo sabe. A gente vive um sistema totalmente tradicional, então como é que eu não vou saber o que é o tradicional, claro que eu sei. E é exatamente contra várias coisas que eu estou indo. Mas no mais assim, eu quero fazer mais e eu acho que estou ainda descobrindo onde que eu posso entrar pra fazer esse mais sabe. Mas acho que, só de você agir de uma determinada maneira, você já está dando um recado, você já está mostrando alguma coisa, e eu pretendo no próximo bimestre, como é o último, aí eu estava pensando mais assim, acho que vai ser o bimestre que eu vou fazer mais coisas assim, conhecer o que eles vão levar né no fim, as notas basicamente já estão fechadas no final do terceiro. Aí o que eu penso, qual vai ser o presente que eu vou dar para eles? Tá, vai ser isso. O tempo todo o que eu tento mostrar pra eles é: conversa, sua visão não é a única, nem a minha/

((Alunas começam uma apresentação no palco))

**En:** É, eles que escolheram fazer isso!

## ENTREVISTA 6

**Nome:** Maria Eduarda Alves da Conceição

**Estudante**

**Pq:** Por que ter feminismo na escola?

**En:** Porque, sinceramente, a gente aqui é muito julgada, porque (+) como eu te digo (+) nós viemos, a maioria daqui é de favela, das comunidades essas coisas. E a gente é criada mostrando o corpo, mesmo que a gente não ache que seja algo errado. E mesmo que (+) a gente gosta de sensualizar, posso dizer desse jeito. E muitas vezes os meninos acabam entendendo de forma errada, a escola entende de forma errada e a gente acaba se sentindo um pouco oprimida por querer ser do jeito que a gente é. Por exemplo, eu não estou dizendo que seria um short curto, não estou dizendo que seria um sutiã vermelho mostrando, estou dizendo que tem meninas que vem com a blusinha bem curtinha. Mesmo sendo do Municipal, é de infantil. É querer delas, entendeu? E eu não reclamo, eu não acho errado isso. E nem estou defendendo. Só acho que é uma maneira de dizer “olha, eu quero, então eu vou vim desse jeito”. Tirando que tem meninas que vem maquiadas, vem super produzidas, essas coisas. E eu acho super maneiro, porque é o jeito delas, é o estilo delas, é o jeito que elas querem que a gente veja elas, entendeu? E isso acaba levando a muitas complicações. Por exemplo, você tá brincando com um menino - brincando, porque aqui a gente não tem esse negócio de maldade, essas coisas - então a gente está brincando. O outro lá do outro lado fala que a gente está dando em cima por vir desse jeito, entendeu, certas brincadeiras também. Acha que não é capaz de conversar sobre certos assuntos também, eu acho isso. Eu tenho um amigo aqui que ele é meu melhor amigo, sendo que ele passou a conviver com minhas amigas também. E aí a gente conversa sobre tudo, no caso com ele. Até papo de menstruação, papo de puberdade, se está gostando de algum menino e eu gosto muito disso, porque é o feminismo. Não é só defender tipo “ah eu sou mulher e quero mesmo - eu quero as mesmas coisas que o homem, eu quero o mesmo salário. Também é se sentir como mulher, entendeu? É ter seu - pisar e dizer olha eu sou assim. Eu vejo feminismo como isso.

**Pq:** Que lindo! E quando você acha que começou esse debate aqui na escola?

**En:** Aqui na escola, eu entrei no segundo ano aqui na escola, mas eu sempre escutei muito muito assim que todo mundo dizia que a Frumka Plotnicka - pelo menos né, quando eu era do municipal - que a Frumka Plotnicka é sempre de portas abertas. Que ele te escuta que isso aquilo e isso e isso. Só que depois que eu entrei, eu percebi que não é muito isso, entende? Tipo tem algumas reuniões, tem alguns papos, umas

conversas, mas eu acho muito fechado. Não são ideias novas, criativas, que te façam (incompreensível). Os debates são, tipo, duas feministas que (+) vou te falar assim, eu fico meio irritada com isso, porque são brancas sabe? Enfim, e aí querem explanar seu feminismo por aí e aí o debate é só elas falando, contando suas histórias de vida e a gente escuta. Quando vai levantar a mão, eu já vi isso muitas vezes sinceramente, porque eu já fiz parte de alguns debates, onde mudam totalmente a conversa e vem dizer sobre a favela, sobre ser pobre isso isso e aquilo, entende? Então aqui eu vejo bastante. Vejo, porque a gente - meninas né, pelo menos no terceiro ano que eu convivo - a gente é muito aberta a essas coisas. Agora da escola em si, eu acho um pouco precária, entende?

**Pq:** Da escola, você tá falando da direção, dos professores?

**En:** Sim. Deixa eu ver se eu me lembro de algum caso ocorrido (+) porque (+) por exemplo, educação física. Nós temos dois tipos de professores para o terceiro ano. Uma professora implica em dizer - quando eu digo implica quero dizer que ela coloca ordem em dizer que exatamente esse tipo de roupa. Enquanto que o outro professor, por ser - não sei se é por ser homem, não posso dizer isso em si - mas ele permite qualquer tipo de roupa. E as meninas vêm, realmente, com a roupa curta, com a roupa muito colada, muito isso e aquilo. E a escola, eu já cheguei na direção, para poder explicar que se eles podem, nós podemos, por ser feminista né. Sendo que eles dizem que é lei. Mas se é lei, tem que ser cumprida pros dois lados, especificamente. E aí eu já levei uma advertência por ter vindo com uma blusa que não é da escola, tipo assim, eu vim com uma blusa branca, só porque tinha um desenho eu tive que trocar ela pela da escola, entende? E eu acho isso errado, eu acho que se é lei, tem que ser cumprida e se eu quiser roupa mais confortável no dia eu vou usar entende?

**Pq:** Tem meninos que não vem com a blusa da escola?

**En:** Sim! Roupa de time essas coisas... e eu fico tipo, desculpa a palavra, mas puta, porque, eu fico muito irritada, porque eu levei advertência, enquanto que da outra turma não! Por o professor deixar, entende? Então não gosto. E isso é outra coisa também, que cabe muito ao feminismo, a menina sempre tem: não pode vir com roupa colada, não pode vir com roupa com gola v, não pode vir com isso e aquilo. Os meninos vêm com só short. Eu posso te contar que eles só vêm de short. Cueca não usam. Ficam sem blusa no meio da educação física, tudo bem para eles, agora para a mulher, não. Tem que vir com calça legging, não pode ser short, tem que ser até o final da perna, então eu acho isso meio que injusto.

**Pq:** E tá, a gente está falando um pouco isso da reação dos professores, da direção. E dos alunos meninos, como você sente que é a recepção a esses debates essas coisas?

**En:** Em relação ao debate?

**Pq:** É, aos debates, à essas ideias...

**En:** Tem uns meninos, como eu falei o Thiago lá em cima, que eu gosto muito de conversar com ele sobre isso. A gente conversa muito. Mas em compensação, os outros não. A direção acaba obrigando a comparecer a essas palestras, esses eventos. Só que acaba irritando, porque eles ficam conversando, ficam fazendo barulho, não prestam atenção, e quer sair cedo e isso e aquilo e quem está lá para realmente discutir, não discute, não presta atenção. E também acho meio precário a parte dos professores, sabe? A minha professora de português estava tendo uma palestra sobre holocausto. E ela enfatizou que era para a gente subir, que tinha que subir. Sendo que alguns desceram. Ela foi dar uma justificativa, que estava em tempo de aula dela para poder coisar. Eu acho que a decisão é nossa, a partir do momento que a gente tem maior idade, a decisão é minha. Tanto faltar escola como comparecer nesses eventos na escola. E aí a maioria das meninas assim né desceram e tudo mais e os meninos desceram. Sendo que os meninos descem e vão embora. A gente ainda permanece na escola, e tudo mais. E aí ela estava anotando os nomes e a maioria dos nomes foi das meninas. E aí ela nem chegou para perguntar “quem foram os outros que estavam e isso e aquilo” claro que teve uma ou outra menina que foi embora, mas eu estou dizendo da maioria. E ela nem chegou para perguntar assim “ah você lembra do fulano, você sabe se o fulano estava?” Não. Só notificou e pronto. Eu não gosto muito disso.

**Pq:** E você consegue lembrar pra me contar atividades ou debates ou coisas que já foram feitas aqui na escola?

**En:** Sobre feminismo?

**Pq:** É.

**En:** Teve (+) essa apresentação que você viu a gente ensaiando agora, eu diria que ela é parte do feminismo aqui da escola, parte de eventos de feminismo. Porque, como você pôde perceber, a maioria é menina dançando. E é onde a gente pode se expressar e tudo mais, e alguns passos são realmente sensuais ou divertidos e tudo mais. E eu acho isso uma parte muito interessante, porque a gente consegue colocar os meninos para dançar, aqueles que querem, mas eu acho assim, é um evento, e mesmo assim, é um evento que cobra nota, que a gente tem que ter tempo, semana que vem já é prova, teste essas coisas e aí fica muito em cima do outro. Eu acho que deveria ser num sábado, um evento num

sábado para poder juntar a escola, reunir. Porque aqui a gente tem evento de (incompreensível) no sábado, tem evento de caipira no sábado, tem várias coisas e nada sobre assuntos de palestras disso, palestras daquilo, entende? Eu acho um pouco precário nessa parte.

**Pq:** E como você entende que tem sido essa experiência, de trazer feminismo pra escola, ou de ser feminista e estudante?

**En:** É difícil. Vou te dizer que é difícil porque assim, se você é feminista, você é contra o homem, para as pessoas que não entendem. Se você é feminista, você quer ser melhor do que o homem e não, não é isso. Como eu falei no começo, é se sentir mulher e ser mulher mostrando para as pessoas. Se mostrar. Aí aqui, vamos dizer assim, tem muitos meninos que dizem “Ah, eu sou Bolsonaro isso e aquilo, você só serve pra isso você quer isso e aquilo” e é meio difícil porque a gente tenta conversar e aí fala que a gente está querendo se mostrar. Aí a gente tenta dizer tipo, botar em papel tipo, como é que eu te explico... explicar para eles de uma certa maneira e eles não querem ouvir. Aí você acaba sendo a chata, você acaba sendo a que quer se mostrar, a diferente do grupo, e tudo isso. Às vezes a gente consegue achar até as meninas que acham dessa mesma maneira sabe, e aí fica muito mais difícil, porque vamos dizer assim: elas são suas amigas, e aí tu acaba descobrindo que elas têm esse mesmo pensamento. E aí fica meio difícil - a gente convive - mas fica meio difícil esse contato entre uma e outra, entende? Então é difícil, perceber feminismo na escola, é muito difícil.

**Pq:** Tem mais alguma coisa que você quer falar?

**En:** Eu acho maneiro isso que você tá fazendo, sabia? Só que eu acho que (+) não sei, você já pegou pessoas de outros anos?

**Pq:** Não, comecei agora por vocês

**En:** Porque seria legal, eu pelo menos ano passado, eu tinha muitas amigas do primeiro ano, como eu te disse eu entrei no segundo, que tipo, são super feministas, que tem Marcha das Vadias, elas viajam para ir, ter várias marchas assim e elas vão. Eu não sei ainda se elas continuam na escola, que como agora eu estou de manhã, mas seria legal falar com outros tipos de meninas, sabe? Eu não passei da ocupação daqui, mas eu passei na ocupação da Ignácio, no Jardim Botânico, que eu achei, desculpa falar assim porque eu sei a história da Frumka Płotnicka, mas eu achei um pouco mais difícil, porque o Ignácio ele é comparado ao Pedro II por usar saia e por ser um colégio normalista e tal. E é um pouco mais difícil, porque: saia curta. Eu levei muita advertência por não usar meia e eu usava calça. Já por me defender, posso dizer assim,

por me auto defender, porque era você andando no corredor, era piadinha, era você subindo as escadas, meninos que faziam vento pra sua saia levantar. E aquela blusa, que fica buracos entre meio que dá pra ver o sutiã, era o que mais acontecia. Só que lá eu via muito mais palestras, muito mais incentivo às meninas, papéis no meio da parede, para poder conscientizar, para poder explicar mais para as meninas e para os meninos também o que era, entende? Só que eles são muito duros sobre o uniforme, muito duros. E eu achava isso um pouco de exagero por ser o uniforme que é, entende? Por ser uma saia, por ser uma blusa transparente e em nenhum momento eles dizem assim, se você pegar a cartilha da escola eles não dizem “tem que usar uma blusa por baixo”, eles dizem “não usar sutiã colorido” entende? E eu acho isso um pouco esbanjador, já que eles querem reprimir de certa maneira o próprio vestuário. É isso.

**ENTREVISTA 7****Nome: Marielle Franco****Estudante**

**Pq:** Queria que você me falasse um pouco por que trazer o feminismo para escola.

**En:** Para escola (+) porque muita gente, tipo as mulheres, não tem esse ensinamento em casa, tipo, ter um amor próprio. Às vezes tipo você tem uma família que é machista sabe às vezes não sabe o que é, mas veio de uma criação machista e aí você acaba seguindo o pensamento do seu pai e da sua mãe de que “ai eu preciso fazer isso”. Eu acho que quando você traz o mach/ machismo ((risos)) o feminismo pra escola, cara você auxilia, você pode olhar para uma garota em um debate e falar “caraca eu me identifiquei com ela... cara tipo isso é feminismo? Então eu sou feminista!” Sabe? “Eu sempre lutei mas não sabia disso, nunca me identifiquei nessa área” E é legal porque aprende a mulher a ter amor próprio, a lutar pelos direitos dela. Quando a gente ocupou a escola, teve um debate de umas feministas da UNIRIO e foi aqui que eu me identifiquei, que eu falei “cara, que maneiro” sabe tipo eu vivia relacionamento abusivo essas coisas e aqui dentro eu vi realmente o que era isso sabe e aí eu olhei e falei “Não, não pode ser assim” entendeu, foi a hora que eu comecei a me impor e tudo o mais para tudo na vida.

**Pq:** E aqui dentro da escola você acha que esses debates assim, essa movimentação, começou quando e como?

**En:** Sobre o feminismo?

**Pq:** É.

**En:** Depois da ocupação. A ocupação ajudou bastante, porque deu de certa forma auxílio sabe, ensinou para outras meninas o que é e aí a gente foi crescendo aqui dentro da escola. Tanto que tipo eu já vi casos aqui que - eu fui presidente do grêmio, fui a primeira mulher presidente daqui, e aí tipo eu sempre escutava uma menina falar “cara, tu que é feminista, me fala um pouco o que é feminicídio, o que é isso e isso e aquilo” e eu falava e elas ficavam “nossa, que absurdo” sabe, ficava com vontade de participar dessa luta sabe e eu ficava “cara você já é mulher. Você já sofre na sociedade, então vem” sabe.

**Pq:** E na época da ocupação, na época desse início assim, como é que você sentiu que foi a reação das pessoas aqui na escola?

**En:** Dos alunos em si?

**Pq:** Dos alunos, dos professores, de todo mundo assim...

**En:** Então, foi bem dividido: uma galera que não sabia o que era ocupação e outros



eram contra, totalmente contra a ocupação. E tinha uma galera que era a favor. E foi a maioria, ainda bem. Teve professor que foi contra e isso atrapalhou bastante a gente, mas assim, de certa forma isso deu mais força ainda pra gente. E em relação ao feminismo cara foi maravilhoso porque tipo veio várias garotas do movimento feminista, veio a galera do Pedro II, as meninas assim que já passaram por várias coisas de assédio e elas ensinaram isso aqui dentro sabe, a falar para a mulher “cara, vou te ensinar o que é não e pronto” sabe tipo isso é muito maneiro.

**Pq:** Então quando começou esse movimento do feminismo os professores você achou que receberam bem esses debates na época, ou alunos meninos receberam bem?

**En:** Quem recebe mais assim, são os professores de sociologia e filosofia, porque de certa forma a gente ainda tem nas escolas assim “ah, na minha aula vou escrever o quadro vou ensinar aqui no livro pronto, não vai ter debatezinho”. É mais ou menos essa coisa de Escola Sem Partido de você não poder se expressar e tudo mais. Mas assim, por causa dos alunos se influenciando e tudo mais por causa dessa parada do feminismo, começou a ter mais debate sim dentro das escolas, o Grêmio também auxiliou muito, então hoje em dia a gente tem bem mais debates do que antigamente sabe, ainda mais porque a direção mudou. A outra direção era totalmente fechada, não tinha debate essa coisa, era só aula dentro de sala e acabou.

**Pq:** Você pode me contar algumas coisas que já fizeram em relação ao feminismo aqui na escola?

**En:** Então, teve uma vez, na época de candidatura da minha chapa. Aí a gente colocou um cartaz enorme perto do banheiro - entre o banheiro das meninas e dos meninos - aí a gente colocou assim “Se cuida machista aqui tem feminista”. Cara isso deu uma rebelião enorme, porque tipo foi metade de garoto falando “ah arrasou, show” e teve garoto também que parabenizou, mas teve gente que detestou sabe. Só que aí depois veio atrás e voltou “cara, por que essa frase? Por que que isso? Por que feminismo?” sabe. Ai não sei se consigo lembrar. Cara não consigo lembrar outra coisa assim. Ah no meu debate, eu não me lembro da pergunta que me fizeram, mas eu falei o por quê era importante o feminismo na escola e tudo mais, das garotas se expressarem, falei em relação a gênero e tudo mais e eu me lembro que teve muito garoto assim que não gostou. Aí começaram a me atacar no grupo da Frumka Płotnicka e tudo mais aí teve gente que tipo na minha chapa tinha uma galera LGBT tipo a maior parte e eu me lembro que mandaram - as meninas da minha chapa - lavar a louça, falar que era pra voltar a época que as mulheres não tinham direito a ler e tudo mais. E isso, querendo ou

não, teve muito professor que viu, porque participou no grupo e tipo isso mexeu com a cabeça não só dos professores, mas dos alunos e foi uma das partes que deu muito movimento aqui dentro de falar “cara, vamos debater, porque isso é sério”. Tem um jovem de 16 anos assim pensando dessa forma uma coisa precária, por mais que seja a opinião dele, é uma coisa que ofende o outro sabe. Ofende até os direitos humanos. É foi isso, acho que o Grêmio, a ocupação em si assim foi bem bacana. O Grêmio mexeu muito com os alunos, porque já tinha 8 anos que não tinha mais o Grêmio na escola sabe então tipo vir assim um porta voz dos alunos foi bem bacana. Marcou mesmo.

**Pq:** E vocês planejam alguma próxima atividade, vocês têm algum planejamento assim alguma coisa?

**En:** Então eu não sou mais do Grêmio, agora é uma galera totalmente diferente. É uma galera LGBT que tem muito esse pensamento e é bem bacana, porque eles estão sempre divulgando algum debate, alguma coisa que está ocorrendo aqui na escola, não só em questão do feminismo, mas tudo mesmo. Tanto que agora a gente está tendo - teve uma semana na verdade - só de filmes documentários sobre direitos humanos e tudo mais. E teve um sobre as feministas e foi bem bacana. Que era Marcha das Vadias e tudo mais. E foi legal porque o documentário ele mostrava muito tipo não só o lado de que “ah, não somos só garotas com peitos de fora”. Foi muito bacana.

**Pq:** Quem organizou esses filmes?

**En:** Ah foi uma professora. Eu só não sei de que Universidade ela é, mas ela é bem amiga dos diretores.

**Pq:** As pessoas que planejam mais as atividades então é o pessoal do Grêmio assim que puxa as coisas?

**En:** Sim. Mas tem uma galera na escola assim que sempre tá se opondo e tudo mais tem uma galera muito assim (+) ainda mais no grupo, tem sempre uma galera se manifestando falando “olha gente, agora vai ter uma manifestação na Cinelândia sobre tal coisa” É bem bacana. Uma galera independente.

**Pq:** E já se encaminhando pro final, como você sente que tem sido essa experiência pra você enquanto aluna? Essa experiência de trazer o feminismo pra escola, como tem sido pra você?

**En:** Cara, é uma honra. Porque assim, como eu te falei, eu ensinei muito pra várias garotas o que era feminismo, o que eu entendo por feminismo e por muitas vezes eu falei do que eu sei do feminismo em relação a relacionamento. E foi aí que muita amiga minha, colega assim, falou “cara, eu estou em um relacionamento abusivo” não sei sabe,

já teve coisas de acontecer e falar “cara já tomei mais de vinte pílulas do dia seguinte em menos de um mês porque meu namorado ele não queria usar camisinha, porque incomodava” e eu falava “cara olha só, é isso isso e isso” e elas falavam “gente, eu estou em um relacionamento abusivo” e a pessoa olhava aí eu falo “quem está de fora, quem é desse movimento entende muito bem isso” e foi uma galera que começou a ter curiosidade sabe então tipo eu fico muito feliz. É uma coisa que eu não quero sair tão cedo sabe tipo eu não pretendo sair eu fico muito triste eu não queria ser feminista, eu não queria lutar pelos direitos iguais mas é a única solução assim, ser uma luz no caminho assim para as pessoas.

**Pq:** Tem mais alguma coisa que você ache importante falar ou que você quer falar?

**En:** Nada tipo eu acho que só deixar uma mensagem: quem é feminista, quem é da galera LGBT sempre mostrar esse caminho tipo passar para os filhos e para os filhos dos filhos e tudo mais, porque a gente vive numa sociedade muito desigual e isso é muito triste sabe, mais tarde a gente está tendo um presidente aí a gente não sabe nem o que que ele possa fazer em relação às mulheres e tudo mais, é louco.

**ENTREVISTA 8****Nome: Vashti Professora****Pq:** Por que feminismo na escola?

**En:** Por que feminismo hoje em dia? Por que feminismo desde sempre? Por que mulher? Nós somos mulheres, é luta, estou olhando para cá mas tem aquela foto ali que você vai colocar aí que é sempre aquela mulher na luta. Porque é direito, porque são 70 anos de direitos humanos na declaração, nós temos a nossa declaração. Nós temos feminicídio, nós temos a Lei Maria da Penha, a gente tem racismo, preconceito, o machismo. Por que? Não aguentamos mais. Não há mais espaço. Antes de nós muitas morreram, estamos morrendo. Marielle foi ontem, daqui a pouco posso ser eu ou você. Estamos aqui. Temos a força, somos a força. E vamos continuar. E é na escola o lugar do feminino, do feminismo, das feministas, do que seja, não me importa o -ismo, o que é importante a gente pensar e agarrar a educação à escola como espaço de resistência como espaço das vozes, não só aqui no ensino médio, como lá na graduação e no círculo que é a educação, que a educação não começa num lugar. Então, quando a gente começar a ter voz, seja na educação, é onde quiser e isso faz ela falar sobre isso, abrir o debate pra isso, a gente vai começar a falar cada vez mais e cada vez mais continuar com força.

**Pq:** E você acha que quando e como começou esse movimento de feminismo aqui na escola?

**En:** Aqui na escola, eu penso que desde sempre, porque a gente tem uma história da Frumka Płotnicka, Colégio Estadual Frumka Płotnicka, como uma escola de resistência a partir até das diretoras e da Frumka, que na época, anos atrás, já fazia esse movimento e apareceu como o que? Como uma mulher encabeçando uma escola de resistência, que seja na Zona Sul da cidade, que seja com pessoas que tinham condições acadêmicas, políticas e sociais pra se colocarem em luta e fazerem uma escola diferente. Eu mesma como aluna. Eu, Frumka, você Sônia que chega depois, tá pesquisando. Quer dizer, ao mesmo tempo a gente tá falando, a vida é atemporal, a gente que inventou a história. Frumka tá aqui hoje, ela tá lá, a Sônia também tá aqui, entende? Então eu acho que é desde sempre, só que agora cada vez mais e principalmente dando voz à quem mais? À essas alunas, à essas mulheres que estão aqui agora, podendo falar, por exemplo contar seus fatos, contar seus (+) deletar não (+) acho que é até ato falho, deletar, mas (+) fazer a sua denúncia, dizer o que acontece, se expor e se colocar com todo respeito, é claro.

**Pq:** Você pode me contar algumas atividades que já foram feitas nesse tema?

**En:** É, aí eu estou falando da minha prática pedagógica, como eu dou aula de filosofia, mas eu tenho uma formação de artes, eu tenho uma formação de política. Eu quero dizer assim, o professor, nós professores, seja em qualquer lugar, a gente tem que pensar seriamente na práxis né e entender essa práxis que a gente implicações, estamos totalmente implicados nessa práxis né? A minha escolha curricular, do meu ano letivo por exemplo 8 de março é Dia da Mulher, Dia Internacional da Mulher, eu venho caindo com Lei Maria da Penha, venho caindo com debates, venho caindo com trabalhos, venho caindo com pesquisas, porque é o momento! Nada mais filosófico e político do que a gente pensar nosso tempo, em se colocar junto, não só aluno, é aluno, professor fazendo uma conexão, saindo das suas caixinhas identitárias e se juntando como pessoas e cidadãos que têm voz, que tem vontades de mudar o mundo que a gente vive, como Paulo Freire mesmo sempre falou.

**Pq:** Mas aí que atividades vocês já fizeram?

**En:** Então, como eu te falei, são trabalhos de pesquisa, são atividades de debates, trazendo artistas, trazendo pessoas tipos de pesquisa com relação à isso, ou seja, abrindo os muros da escola, indo pra sociedade, trazendo todos os acontecimentos. Por exemplo, quando a Marielle morre, no dia seguinte né, dá aula, para tudo e vamos pensar Marielle, vamos sofrer, vamos analisar, vamos trazer. Porque assim, a prática pedagógica, é claro, tem projetos, é aula, é debates, é exposição, é arte, enfim (+) tudo bem, são práticas, mas tem uma práxis maior que é trazer o fora pra dentro e de dentro pra fora, se colocar e trazendo muitas, a gente tá vendo as situações, nessas práticas. Mais uma vez eu falo pra você, não é a prova objetiva, esconde o livro, escreve aí. Não. É pensar, contextualizar o ensino. Acredito muito na contextualização do ensino não só na área da filosofia, mas como você pode transdisciplinar todas as situações. A roda de conversa, o debate, o seminário tudo isso faz parte. A pesquisa, o cartaz que você faz em grupo e aí você coloca as fotos e aí você faz o visual, tudo isso compõe né. É a leitura de um livro. Tudo isso que a gente já sabe o que fazer, todos nós, não só da graduação mas como aqui, desde sempre, educação

**Pq:** E como é que você sente que é a recepção das pessoas aqui na escola?

**En:** Eu estou cada vez mais abismada, até comentei isso com você por alto, assim, que como eu tenho essa prática na minha aula de filosofia, ou na aula de artes, as minhas duas graduações eu leciono nessas duas disciplinas, eu sempre trago, nossa (+) Eu estou muito perplexa, porque cada vez mais, cada ano quando acontece o debate em sala de aula eu vejo as meninas, as alunas, as jovens estudantes se colocando e contando fatos

que aconteceram com elas, aí vem muito choro, muito susto, muita tristeza, abraços, a turma aplaude, é isso aí. Fico até arrepiada porque aí a sala de aula, o poder que a sala de aula tem, como Deleuze fala né, aquele acontecimento. Você não sabe o que vai acontecer, você só sabe que vai abrir aquele espaço para aquele assunto, para aquele debate, pra aquele sentido, pra aquele sentimento, para aquilo que tá acontecendo e aí vem a resposta. Então te digo: é impressionante. Se eu tivesse fazendo uma pesquisa para uma graduação eu estaria assim, perplexa, estaria apontando já dados interessantes sobre o quanto cada vez mais as alunas estão se colocando sem medo e sem vergonha de falar.

**Pq:** E os outros professores, aqui como você sente que é?

**En:** É, eu não tenho ainda também esse feedback, porque veja bem, escola pública como qualquer lugar, somos nesse caso na Frumka Płotnicka 131 docentes com 2029 alunos, nós temos dias de trabalho, que a gente às vezes não se encontra, então com quem eu encontro, com quem eu converso, porque o cotidiano escolar, na cultura escolar, ela permeia, como Michel Foucault fala nas “relações de poder”, que não são hierárquica, não são verticais, está no horizontal, tá no discurso, currículo, você agora na prática, no olhar, do que aconteceu, né? Então eu tento o máximo que eu posso, trazer essa discussão, trazer pelo discurso da minha experiência do que eu passei da minha experiência, mas não experiência como (incompreensível), você entendeu, mas experiência como isso aqui, também por Deleuze, essa parte toda da análise de multiplicação institucional que fala dessa experiência diária do cotidiano que faz com que a gente seja instituição, esteja dentro dela. Então uma experiência institucionalizada das relações né, das pessoas, das relações sociais, das relações de poder principalmente.

**Pq:** E a direção?

**En:** Ah, essa direção da Frumka Płotnicka é o comentário nota mil né, porque é uma direção vanguarda, falo vanguarda que é um termo de outros séculos mas ela é bem isso. Ela é vanguarda, ela faz uma educação ela tá querendo uma emancipação, a gente tá junto de Paulo Freire, agarrado na barrinha dele, sempre. Trazendo a educação de resistência, a escola pública, a dificuldade de se fazer questionamentos importantes, mas ao mesmo tempo a gente tem uma Escola Sem Partido, a gente tem toda uma postura política muito perigosa que a gente tá passando não só, é claro, nas escolas públicas, como nas graduações, eu estou falando aqui da escola pública, da faculdade, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da UERJ, e de outras tantas no Brasil. A gente tá num momento de calar a boca, de silenciar, de uma ditadura muito forte que idealiza

né uma moralidade absurda no meu pensamento, e ao mesmo tempo você a Frumka Płotnicka nessa linha, é uma linha de pensamento, a gente pode dizer sempre na resistência, sempre na vanguarda, sempre abrindo esse espaço que ao mesmo tempo também te coloca que tem que ser muito delicado, a gente trabalha com menores de idade, com culturas, com famílias, que também tem que ser respeitadas. Todos temos que ser respeitados né? Tanto o reacionário, quanto o inovador né? A gente não pode deixar essa minha visão de valores assim, cada pessoa que entra aqui, cada menor de idade que tem uma família junto né, se a gente também tem o direito de se colocar também eles têm o direito de... como é que eu vou dizer... ouvir coisas que a maioria, por exemplo, não está ouvindo. Ou porque questões religiosas, ou porque questões culturais. A gente nunca pode esquecer isso. A democracia, ela precisa também respeitar né, o que, por exemplo, o que não quer ser democrático. Esse é o grande barato da escola pública, esse é o grande barato da faculdade pública, esse é o grande barato da educação pública no Brasil. Com certeza. Você concorda?

**Pq:** Aham.

**En:** Difícil. Desafio. Essa é a minha visão.

**Pq:** E você tem já planejada alguma outra atividade de alguma outra coisa nesse tema?

**En:** Isso, exato. Eu criei, porque cada um de nós tem projetos que vem da sua cabeça, então teve o ECOA FP, que a gente abre um espaço, ECOA quer dizer “Espaço de Conhecimento”. Dentro do CEF, o que é isso? Abrir sempre o debate, aconteceu o incêndio no Museu Nacional? No dia seguinte não dá pra gente entrar numa escola e falar “Oi gente, tá tudo bem? Que legal né, o mundo é lindo”, não. A Marielle foi morta ontem? ECOA. Ecoar dentro das escolas, isso possibilita todo mundo. Segura o currículo, segura né, o conteúdo, segura aquela obrigação que eu tenho, e eu abro espaço pro mundo que quer entrar na escola a nível de discussão democrática e respeitosa. Faz sentido. Então, projeto ECOA CEF tá sempre aberto, ou seja, aconteceu alguma coisa, no dia seguinte tem aula já entro com essa coisa, vamos embora discutir, porque nós somos seres contemporâneos e a escola - tudo bem que ela tem um andamento disciplinar, você sabe disso - Michel Foucault mais uma vez, já deu pra perceber que eu sou foucaultiana - nós somos uma sociedade disciplinada o tempo todo, é olha, é tempo... enfim, mas tem que haver o “tempo” pra pensamento, é como Frejat canta né “mas quem tem coragem de ouvir, amanheceu o pensamento”. O mundo faz, o mundo acontece, a história acontece, mas o pensamento, nós filósofos, todos nós somos essa razão, sentido, abriu o espaço pro pensamento, pensamento tem que sair!

Ainda mais com esses jovens em formação, humana, políticas públicas, tudo junto e misturado.

**Pq:** Como é que tem sido pra você essa experiência, de ser professora, feminista, mulher, de estar trazendo feminismo pra escola?

**En:** Olha, você quer saber? Eu saí de uma aula agora, só pra terminar, 1001, tá fazendo seminário sobre 70 anos da Declaração de Direitos Humanos, e aí eu pedi pra eles criticarem, ver para que serve esses 70 anos, de que modo a gente vai comemorar e o que comemorar. Eu tive uma grande aula, no final da apresentação de power point, sofisticado, fazendo de uma qualidade graduante, vamos dizer, pós graduante. Eles trouxeram um vídeo de dois rapazes no trem né, no trem da Central mesmo, aqui do Rio de Janeiro, cantando o que tá acontecendo com o Brasil, o Brasil não dorme, o Brasil está em coma, o que fazemos com os nossos professores, se a gente valoriza o futebol e não o professor, foi daí pra baixo. Meu amor, meu coração parou, minha alma parou. Eu bati palma, e agradei a eles e agradei assim “brigada pela aula de hoje pra mim”. É isso, Sônia. Hoje em dia, é aula de todos os lados, é sentido, sentimento. Eu tô muito emocionada com isso e então, imagina se isso só com uma turma se eu tenho seis aqui na casa e duas em outra escola que eu trabalho no Infante Dom Henrique. É só ((risos)) desculpa o termo, é só, pra mim é punk, eu levo porradas filosóficas né, cognitivas o tempo todo. Menosprezar o jovem, preconceito com o jovem “não sabem o que querem, não sabem o que falam, não sabem o que sentem”, ó essa garota tá dando aula lá dentro da sala e é muito louca porque a gente tem que pensar que todas as escolas todas as graduações, mais suas horas de sala de aula, mais uma vez leia Deleuze, e aí aconteceu uma emoção. É um fenômeno. É educação. Ali hoje, pra mim, acabei de sair de lá, tô entrando aqui, a educação aconteceu, como tá aqui agora com você, como está nos debates e como está no mundo. A educação é o mundo.

**Pq:** Tem mais alguma coisa que-

**En:** Não, eu queria agradecer e mandar um recado aí pra graduação, pras faculdades. Eu acabei meu doutorado em educação, formação humana e políticas públicas na UERJ. Quero deixar um questionamento: sabemos tudo? Somos donos de que verdade? Que conhecimento nos torna melhor ou pior que alguém? E esse diploma, esse papel, é bacana? O que ele contém? O que fazemos com ele no chão da escola? O chão da escola, venham, para o chão da escola. Mais uma vez, é um convite, venham para o chão da escola.



**ENTREVISTA 9****Nome: Zuleide Aparecida do Nascimento**                      **Estudante****Pq:** Porque feminismo na escola?**En:** Feminismo na escola?**Pq:** É.**En:** O que eu acho?**Pq:** É. Porque ter feminismo, porque trazer ele aqui na escola?**En:** Não, assim, na escola, não fala, mas todo mundo tem a sua opinião, mas ninguém fala.**Pq:** Não se fala sobre feminismo aqui?**En:** Assim, não vejo aqui todo mundo comentar, não.**Pq:** Você vê se tem atividades, conversas, debates coisas sobre esse tema feminismo?**En:** Ah gostaria, acho que deve ter, eu acho.**Pq:** Mas você já viu?**En:** Não.**Pq:** Nem professor puxando, nem/**En:** Não, não.**Pq:** Mas você acha que deveria ter?**En:** Acho que deveria sim.**Pq:** Por quê?**En:** Porque deve ser bom, saber desses conteúdos.**Pq:** Como é que você acha que (+) você acha que as pessoas iam receber esse tema? Do que você conhece as pessoas.**En:** As pessoas iam comentar, porque é um tema bombástico sei lá, tem muitas opiniões diferentes.**Pq:** Você acha que todo mundo ia receber tranquilo?**En:** Não, tinha pessoas que vão falar coisas ruins.**Pq:** E os professores, como é que você acha que receberiam?**En:** Ah, cada professor tem uma opinião diferente.**Pq:** E a direção?**En:** Também.**Pq:** E você (+) se considera feminista ou não?**En:** Eu sou (+) normalista? Sei lá ((risos)) eu respeito, tenho minha opinião, respeito.

**Pq:** Então, a ideia seria entender como é que está um pouco esse assunto na escola, mas pelo o que você está falando, então -

**En:** Não comentam, eu acho que cada um tem sua opinião. A não ser quando a gente vai falar entre amigos, falar sobre alguma coisa, cada um tem sua opinião sim.

**Pq:** Você sente então, vê se é isso, que é mais uma coisa informal, que você conversa entre amigos e tal. Que a escola não está trazendo esse tema, nem pelos alunos nem pelos professores.

**En:** Isso.

**Pq:** É, a minha ideia é entender como está sendo e você está entendendo que/

**En:** Não tem, acho que as pessoas não falam sobre isso, no dia a dia assim, na escola. Pode até ter em redações, de falar sobre esse tema, aí que acontece bastante, de escrever mesmo assim em redação, muitos professores pedem, língua portuguesa, aí pede para fazer a redação, tem bastante prova sobre isso.

**Pq:** Aí muito mais para fazer a redação, para treinar?

**En:** Sim. Também acho que para saber sobre o que todo mundo acha.

**Pq:** Você tem mais alguma coisa que você quer falar assim sobre esse tema, que é legal eu saber?

**En:** Não, não.